

A Animação Sociocultural no contexto de um Centro de Dia: os desafios da intergeracionalidade

Ana Catarina Duarte Cardoso

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação
Especialização em Educação e Intervenção Sociocomunitária

Orientação: Prof.^ª Doutora Sandra M. Fernandes

Coorientação: Prof. Dr. Cândido Alberto Gomes

Janeiro, 2019



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.

Ana Catarina Duarte Cardoso, nº 35450

A Animação Sociocultural no contexto de um Centro de Dia: os desafios da
intergeracionalidade

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para
obtenção do grau de Mestre em Intervenção Sociocomunitária: especialização em
Educação e Intervenção Sociocomunitária realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora
Sandra Fernandes e sob a coorientação do Prof. Doutor Cândido Alberto Gomes

Departamento de Psicologia e Educação
janeiro, 2019



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 10 |
| Capítulo 1 | 12 |
| 1. O Envelhecimento ao Longo da Vida – concepções e perspetivas | 13 |
| 1.1.1. Aspetos demográficos do envelhecimento..... | 14 |
| 1.1.2. O sistema da segurança social: políticas de proteção à velhice | 16 |
| 1.2. O envelhecimento na atualidade | 19 |
| 1.2.1. Conceito de velhice vs. Envelhecimento | 20 |
| 1.2.2. Envelhecimento ativo e qualidade de vida..... | 22 |
| 1.3. As famílias | 23 |
| 1.3.1. A família como um sistema | 23 |
| 1.3.2. A família e a sua evolução | 25 |
| Capítulo 2 | 29 |
| 2.1. A animação sociocultural na 3ª idade | 30 |
| 2.1.1. A animação social, educativa e cultural..... | 30 |
| 2.2. A Animação Sociocultural e o desafio da intergeracionalidade | 33 |
| 2.2.1. Intergeracionalidade e o conceito de geração | 36 |
| 2.2.2. As atividades intergeracionais e a promoção do bem-estar do idoso | 37 |
| Capítulo 3 | 39 |
| 3. Metodologia..... | 40 |
| 3.1.Contexto do Estudo..... | 40 |
| 3.2.Natureza e objetivos do estudo | 45 |
| 3.3.Participantes no Estudo / Amostra..... | 46 |
| 3.4. Recolha de Dados | 49 |
| 3.4.1.Entrevistas | 50 |
| 3.4.2.Análise Documental | 50 |

| | |
|---|----|
| 3.4.3.Observação Participante | 51 |
| 3.5. Análise de Dados | 52 |
| Capítulo 4 | 53 |
| 4. Projeto “Ser + felicidade” | 54 |
| 4.1. Diagnóstico de necessidades..... | 54 |
| 4.2. Planificação..... | 58 |
| 4.3. Execução | 71 |
| 4.3.1. Descrição da Execução do Plano de Atividades Geral | 71 |
| 4.3.2. Descrição da Execução das Atividades Intergeracionais..... | 76 |
| 4.3.2.1. Atividade “Desfolhada” | 76 |
| 4.3.2.2. Atividade “Dia de São Martinho” | 78 |
| 4.3.2.3. Atividade “Festa e almoço de Natal” | 80 |
| 4.3.2.4. Atividade “Confeção de Fogaças” | 82 |
| 4.3.2.5. Atividade “Desfile de Carnaval” | 84 |
| 4.3.2.6. Atividade “Vamos a cortes” | 86 |
| 4.4 Avaliação | 88 |
| Capítulo 5 | 91 |
| Considerações finais | 92 |
| Referências Bibliográficas..... | 96 |
| Anexos | 99 |

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Estrutura da população residente em Portugal por grupos etários (in Instituto Nacional de Estatística, 2011) | 15 |
| Figura 2 - Estrutura da população residente por grupos etários (in Instituto Nacional de Estatística, 2011) | 15 |
| Figura 3 - Índice de envelhecimento (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)..... | 16 |
| Figura 4 - Índice de envelhecimento (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)..... | 17 |
| Figura 5 - A evolução da Família (Dias, 2011) | 26 |
| Figura 6 - Programa Ankira..... | 51 |
| Figura 8 - Atividades Religiosas | 71 |
| Figura 9 - Atividades Desportivas | 72 |
| Figura 10 - Atividades intelectuais/formativas..... | 73 |
| Figura 11 - Atividades Culturais | 73 |
| Figura 12 - Atividades Sociais..... | 74 |
| Figura 13 - Atividades Lúdico-Recreativas..... | 74 |
| Figura 14 - Dinamização da atividade "Desfolhada" | 78 |
| Figura 15 - Dinamização da atividade "Dia de São Martinho" | 80 |
| Figura 16 - Dinamização da atividade "Festa e Almoço de Natal" | 82 |
| Figura 17 - Dinamização da atividade "Confeção de Fogaças" | 84 |
| Figura 18 - Dinamização da atividade "Desfile de Carnaval" | 86 |
| Figura 19 - Dinamização da atividade "Vamos a cortes" | 88 |

Índice de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Medidas de Proteção à Velhice (Direção-Geral da Segurança Social, 2018) | 18 |
| Tabela 2 - Eixos de Intervenção (in Silva & Moinhos, 2010)..... | 33 |
| Tabela 3 - Principais necessidades identificadas..... | 56 |
| Tabela 4 - Atividades setembro 2017..... | 60 |
| Tabela 5 - Atividades outubro 2017 | 61 |
| Tabela 6 - Atividades novembro 2017 | 62 |
| Tabela 7 - Atividades dezembro 2017..... | 63 |
| Tabela 8 - Atividades janeiro 2018 | 64 |
| Tabela 9 - Atividades fevereiro 2018..... | 65 |
| Tabela 10 - Atividades março 2018 | 66 |
| Tabela 11 - Atividades abril 2018..... | 67 |
| Tabela 12 - Atividades maio 2018 | 69 |
| Tabela 13 - Atividades junho 2018 | 69 |
| Tabela 14 - Atividades julho 2018 | 70 |

Agradecimentos

“O que somos em novos, sê-lo-emos em velhos, e mesmo agora, o que deixarmos de fazer... e de dizer, faltará, por certo, no futuro.” *Ruy de Carvalho*

Ao longo destes 2 anos de Mestrado houve um enriquecimento e desenvolvimento humano e pessoal visível. Independentemente dos pontos menos bons que acarretam a necessidade de focalizar todas as atenções em conceber a Dissertação, os pontos fortes certamente se sobressaem.

Foram dois anos carregados de novas aprendizagens, quer pedagógicas, de relações humanas, de dinamizações de iniciativas, e de novas experiências e desafios.

À Universidade Portucalense Infante D. Henrique por ser a minha segunda casa ao longo de 5 anos.

À Professora Doutora Sandra Fernandes por, em 1º lugar, ter aceite sem olhar para trás ser minha orientadora, e por todo o carinho, apoio, companheirismo, empatia e amizade demonstrada ao longo de 5 anos. Muito obrigada!

Aos meus pais por serem o meu pilar em todas as minhas decisões, e por acima de tudo serem os impulsionadores para que eu cresça pessoal e profissionalmente. Agradeço, enternecida, todo o esforço que fizeram e fazem por mim e pelo meu irmão. Sei que o que sou hoje lhes devo essencialmente a eles, e terei sempre em mente, para ambos, “quando for grande quero ser como tu”, aconteça o que acontecer.

Ao meu irmão por estar ao meu lado a todas as horas.

Aos meus avós por me apoiarem e auxiliarem em todos os momentos da minha vida, mostrando sempre o lado bom de tudo.

Ao Rafael, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional em todas as decisões tomadas, pela paciência, pelo carinho, pela amizade e pelo amor. *Ich Liebe Dich.*

À minha família, materna e paterna, por todas as vezes que estiveram a apoiar-me, nos bons e maus momentos.

À Helena, irmã de outros pais, pela companhia, mesmo longe, e pelo apoio e ombro amigo. Ficarão para sempre guardados os momentos lado a lado.

À Alexandra, à Matilde e à Clara, por carregarem um amor tão grande apesar de ainda serem pequeninas. Pela força e pelo amor que dão todos os dias.

À Sandra Henriques, obrigada! Pelas conversas, pelas dúvidas tiradas, pelo apoio incondicional e pelas palavras amigas em todas as circunstâncias.

À Daniela por me auxiliar nas passadas a seguir, por me ajudar a crescer, por todo o amor.

À Maria João, companheira de todas as horas, ombro amigo sempre pronto a qualquer altura. Um exemplo a seguir.

Às colegas de trabalho, por todas as horas boas e más.

E por fim, mas não menos importante, aos utentes que fazem e fizeram parte do Centro Social de Gião, ao amor que se dispuseram a dar-me sem receberem nada em troca, ás palavras amigas, aos exemplos reais, ás histórias de vida, por todas as horas. A minha 2ª família, todos os dias.

“Aprendemos que o investimento mais seguro é aquele que se faz na família.” *Ruy de Carvalho*

Resumo

Atualmente o envelhecimento é uma preocupação crescente, e surge a necessidade da população se adaptar à mesma, sendo a animação sociocultural uma estratégia de promoção do desenvolvimento e participação dos indivíduos no seu próprio desenvolvimento, com vista ao alcance da minimização/erradicação das necessidades e problemáticas resultantes da vida quotidiana.

Este estudo de caso aborda a temática da intergeracionalidade e sua relevância para a compreensão das relações familiares. Pretende compreender qual o impacto da implementação de atividades intergeracionais nos utentes idosos do Centro Social de Gião, com vista à melhoria do bem estar e qualidade de vida dos idosos..

Partiu-se da análise de uma realidade concreta de convivência entre dois grupos distintos, idosos e crianças, até três anos de idade, incorporados na resposta social de centro de dia e creche, com os quais foram implementados um conjunto de atividades intergeracionais, que formam o projeto “Ser + Felicidade”. Este projeto tem como principal objetivo a promoção da qualidade de vida dos utentes do Centro de Dia em questão através da implementação de atividades intergeracionais, com vista, igualmente, ao alcance de posteriores objetivos propostos, tais como a promoção da felicidade, o combate a fenómenos de exclusão/segregação social, a contribuição para a mudança da perspetiva negativista, a capitalização do valor educativo da intergeracionalidade para mudança de rotinas, a compreensão da relação entre a intergeracionalidade e o comportamento do idoso e a criação de estratégias de intervenção no idosos de modo a promover o seu maior envolvimento.

Para a avaliação do impacto do projeto nos utentes idosos do CSG, foram utilizados os seguintes métodos de recolha de dados: entrevista, análise documental e observação participante.

O impacto da implementação de atividades intergeracionais na melhoria da qualidade de vida dos idosos do Centro Social de Gião mostrou-se observável ao ponto qualitativo, mas não mensurável quantitativamente.

Palavras-Chave: Envelhecimento, Intergeracionalidade, Família, Animação Sociocultural, Projeto “Ser + Felicidade”.

Abstract

Nowadays, aging is a growing concern and there is a need for the population to adapt to it. Socio-cultural animation is a strategy to promote the development and participation of individuals in their own development, with a view to minimizing / eradicating needs and problems resulting from everyday life.

This case study addresses the theme of intergenerationality and its relevance to the understanding of family relationships. It aims to understand the impact of the implementation of intergenerational activities on the elderly users of the Social Center of Gião, with a view to improving the well-being and quality of life of the elderly.

It was based on the analysis of a concrete reality of coexistence between two distinct groups, the elderly and children, up to three years of age, incorporated into the day-care and day-care social response, with which a set of intergenerational activities were implemented, the project "Being + Happiness". This project has as main objective the promotion of the quality of life of the users of the Day Center in question through the implementation of intergenerational activities, with a view also to the reach of later proposed objectives, such as the promotion of happiness, social segregation, the contribution to changing the negativist perspective, the capitalization of the educational value of intergenerationality to change routines, the understanding of the relationship between intergenerationality and the behavior of the elderly, and the creation of intervention strategies in the elderly to promote their greater involvement.

In order to evaluate the impact of the project on the elderly users of the CSG, the following methods of data collection were used: interview, documentary analysis and participant observation.

The impact of the implementation of intergenerational activities in the improvement of the quality of life of the elderly of the Social Center of Gião was observable to the qualitative point, but not quantitatively measurable.

Key-words: Aging, Intergenerationality, Family, Sociocultural animation, Project "Ser + Felicidade"

Introdução

O envelhecimento é transversal a todos os seres vivos. No entanto, quando somos jovens, pouco pensamos neste processo, mesmo sendo ele uma constante. A maturidade que advém com ele é algo que nos atrai e, talvez por isso, lidamos com ele de uma forma tão subtil.

Contudo, no decorrer do ciclo biológico ocorre um declínio previsível das funções do organismo. O processo de envelhecimento nota-se especialmente no sistema nervoso, acabando por atingir todos os outros sistemas (Costa et al., 1999). Além disso, o envelhecimento é um processo de degradação progressiva e diferencial (Cancela, 2007).

A sociedade portuguesa é hoje uma das mais envelhecidas do mundo e está confrontada, simultaneamente, com os benefícios e os desafios de uma crescente longevidade.

Verifica-se, assim, que os seniores portugueses são profundamente marcados pelo seu passado e pela sua condição social, mas a evolução recente do país aponta para uma maior adesão às práticas do envelhecimento ativo, apesar da falta de mobilização das pessoas mais velhas (Cancela, 2007).

O fenómeno do aumento do envelhecimento derivado da sua expansão e intensidade tem vindo a impelir alterações significativas nos serviços e cuidados de apoio ao idoso. No seguimento desta preocupação, atualmente, as instituições de apoio à população envelhecida têm não só procurado responder às necessidades básicas (alimentação, higiene e cuidados médicos), mas igualmente incentivar a promoção da saúde e da participação e promoção da vida social.

Deste modo, a animação sociocultural na 3ª idade tem crescido como uma metodologia de intervenção facilitadora do desenvolvimento da qualidade de vida da população idosa, promovendo, conseqüentemente, a saúde física e mental, e a dimensão dos afetos e das relações, tornando-se um simplificador no que concerne à continuidade de uma vida com sentido e com qualidade integrada holisticamente na família e na comunidade.

A criação e implementação de projetos de animação sociocultural que promovam a intergeracionalidade auxiliam na qualidade de vida das gerações mais velhas,

acarretando consequências bastante positivas para o próprio indivíduo, mas igualmente para os que convivem com o mesmo.

A presente Dissertação que ora é composto por 5 capítulos. No Capítulo 1 falar-se-á essencialmente do envelhecimento demográfico e por consequente as políticas de proteção à velhice, das famílias e a sua evolução ao longo dos anos e do envelhecimento nas sociedades atuais associado ao envelhecimento ativo e à qualidade de vida.

No Capítulo 2 abordar-se-á o tema da animação sociocultural na 3ª idade e nos seus diferentes campos de intervenção, bem como o desafio associado da intergeracionalidade aliado à promoção do bem-estar do idoso.

O capítulo 3 refere-se à metodologia levada em consideração para o desenvolvimento do estudo de caso, contendo descrição detalhada do contexto do estudo em questão, enquadrando igualmente a natureza do estudo, os participantes envolvidos, as técnicas de recolha de dados e a análise dos mesmos. Por fim faz-se referência aos cuidados éticos do profissional.

O Capítulo 4 é referente ao projeto levado a cabo para o desenvolvimento do estudo de caso, intitulado de “Ser + felicidade” que comporta o diagnóstico das necessidades, a planificação, a execução e a sua avaliação.

Por fim, o Capítulo 5 contempla as considerações finais do presente trabalho, evidenciando os aspetos mais fulcrais a resposta à questão de investigação.

Capítulo 1

No Capítulo 1 falar-se-á essencialmente do envelhecimento demográfico e por consequente as políticas de proteção à velhice, das famílias e a sua evolução ao longo dos anos e do envelhecimento nas sociedades atuais associado ao envelhecimento ativo e à qualidade de vida.

1. O Envelhecimento ao Longo da Vida – conceções e perspetivas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o envelhecimento ativo como sendo *o processo de otimização das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança, a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas que ficam mais velhas*, tendo este conceito sido adotado pela OMS no seguimento da 2ª Assembleia Mundial do Envelhecimento em Madrid, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2002 (Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS, 2005).

Ainda em conformidade com a OMS, o envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos como a grupos populacionais, sendo que permite a perceção do próprio potencial para o alcance do bem-estar físico, social e mental ao longo da vida, levando igualmente a uma participação na sociedade de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades (Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS, 2005).

A palavra “ativo” é referente à participação contínua nas questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis, e não apenas à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho (Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS, 2005).

Os conceitos avançados pela OMS pretendem transmitir o “envelhecimento saudável” além do foco na idade e nos cuidados com a saúde, mas de forma mais holística, abrangendo outros fatores (individuais, familiares, sociais e ambientais) que têm forte influência e determinação no modo como os indivíduos e as populações envelhecem (Gameiro, 2016).

Desta forma, o objetivo do envelhecimento ativo é elevar a expectativa de uma vida saudável e com qualidade para todos os indivíduos que estão a envelhecer, inclusivamente os que estão fisicamente diminuídos e que requerem determinados cuidados de saúde (Gameiro, 2016).

Efetivamente os idosos não devem ser considerados pela sociedade como pessoas inativas e improdutivas apenas porque se encontram reformados, devendo contrariamente ser estimulados e terem oportunidades para se manterem num contexto de independência, complementaridade e solidariedade entre gerações (Gameiro, 2016).

O envelhecimento populacional é uma realidade atual e cada vez mais emergente a nível mundial, em particular no continente europeu, sendo que o século XXI pode e deve ser considerado como o século dos idosos. Neste sentido, a promoção do envelhecimento ativo compõe um enorme desafio no presente e na futuridade (Gameiro, 2016).

Os idosos no futuro serão mais saudáveis, ativos e produtivos, com um elevado nível de escolaridade, bem como uma esperança média de vida mais elevada, pelo que é fulcral que exista uma consciência coletiva de que as pessoas com idade mais avançada, pelas suas experiências, saberes e contribuições são indispensáveis à sociedade, compondo um valioso recurso para as respetivas famílias, comunidades e economias (Gameiro, 2016).

Pelo exposto, pode-se concluir que a sociedade assume um papel essencial no processo do envelhecimento ativo da população idosa, na medida em que enquanto o reconhecimento do potencial do idoso não for efetivado, o envelhecimento ativo continuará a ser um privilégio para um número reduzido (Gameiro, 2016).

1.1.1. Aspetos demográficos do envelhecimento

O envelhecimento começou por ser encarado como uma catástrofe, sendo que este modo de entender o envelhecimento fez com que se tentasse travar o seu decorrer. Um dos exemplos de tal afirmação são os incentivos à natalidade, em que os casais continuam a pretender descendências reduzidas, que ficam aquém do número espetável e desejável de filhos (2,1) para a renovação.

O fenómeno do “duplo envelhecimento” da população, que é caracterizado pelo aumento da população idosa e redução da população jovem, continua a ser marcante nos Censos de 2011. Há 30 anos, no ano de 1981, cerca de ¼ da população estava situada no grupo etário mais jovem (0-14 anos), e apenas 11,4% estavam incluídos no grupo etário mais idoso (com 65 ou mais anos). No entanto, em 2011, Portugal apresenta cerca de 15% da

população do grupo mais jovem (0-14 anos) e aproximadamente 19% da população tem 65 ou mais anos (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

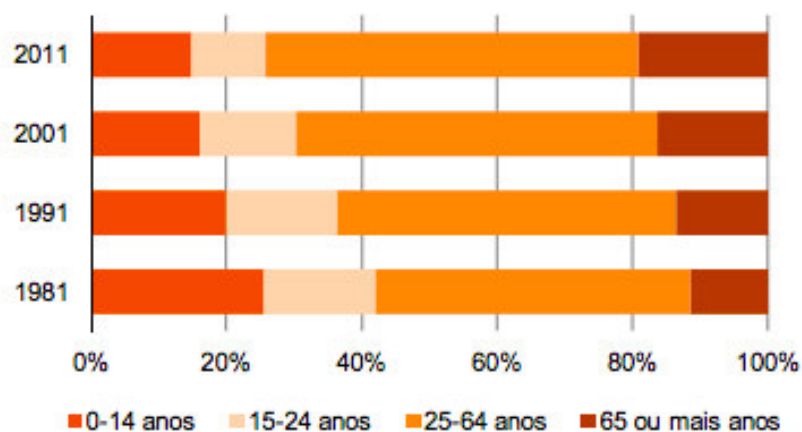


Figura 1 - Estrutura da população residente em Portugal por grupos etários (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)

Entre 2001 e 2011 é notório uma redução da população jovem (0-14 anos) e da população em idade ativa (15-24 anos), nomeadamente 5,1% e 22,5%. Em contrapartida, aumentou a população idosa (65 anos ou mais), cerca de 19,4%, bem como a população entre os 25-65 anos, que cresceu cerca de 5,3% (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

De referir, as regiões dos Açores e da Madeira apresentam um maior número de percentagem da população no grupo etário mais jovem (17,9%) e 16,4% da população situa-se no grupo 0-14 anos, seguidos pelas regiões de Lisboa (15,5%), Norte (15,1%) e Algarve (14,9%). Opostamente, as regiões do Alentejo (24,3%) e Centro (22,5%) são as mais envelhecidas (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

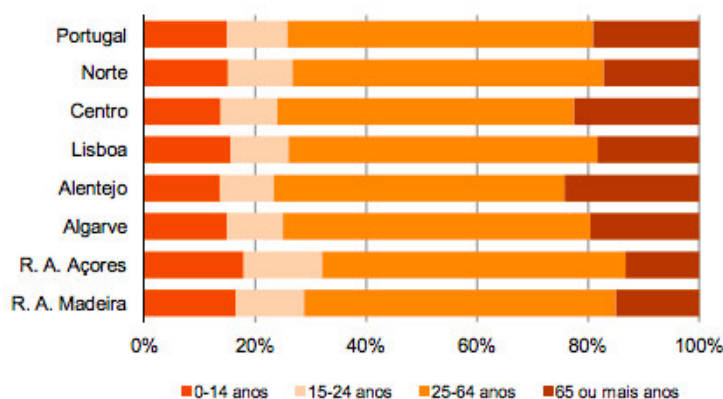


Figura 2 - Estrutura da população residente por grupos etários (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)

No que concerne à distribuição da população por sexo, relativamente ao grupo etário, há um padrão semelhante ao da década passada. Nos grupos mais jovens (até aos 24 anos de idade) predominam os homens (13,1%), em comparação às mulheres (12,6%). Nos grupos etários com idades avançadas, a tendência é contrária, havendo uma predominância das mulheres (11%) comparativamente aos homens (8%). No grupo compreendido entre os 25-64 anos de idade, a percentagem das mulheres é de 28,5% e a dos homens é de 26,6% (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

1.1.2. O sistema da segurança social: políticas de proteção à velhice

O envelhecimento da população é um dos fenómenos demográficos mais preocupantes do século XXI. Em Portugal, a proporção da população com 65 anos ou mais é, em 2011, de 19%, contrastando com os 8% verificados no ano de 1960 e os 16% na década anterior (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Em 2011 o índice de envelhecimento acentuou o predomínio da população idosa face à mais jovem, sendo que os Censos indicam que o valor é de 129, tornando Portugal no país com mais população idosa do que jovem (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

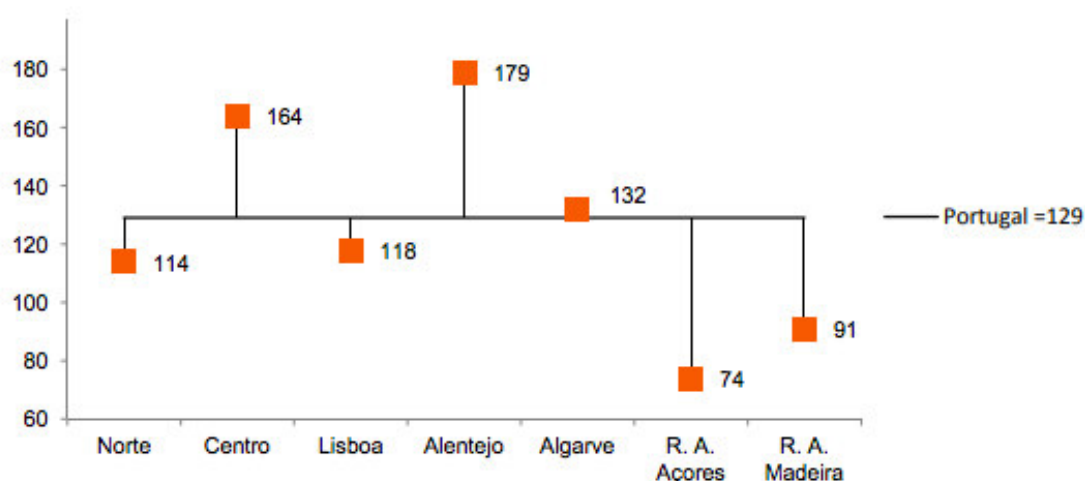


Figura 3 - Índice de envelhecimento (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)

Conforme visível na figura acima, as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, apresentam os menos índices de envelhecimento, respetivamente 74 e 91 (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Contrariamente, as Regiões do Alentejo e do Centro são as que apresentam os valores mais elevados, 179 e 164 (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

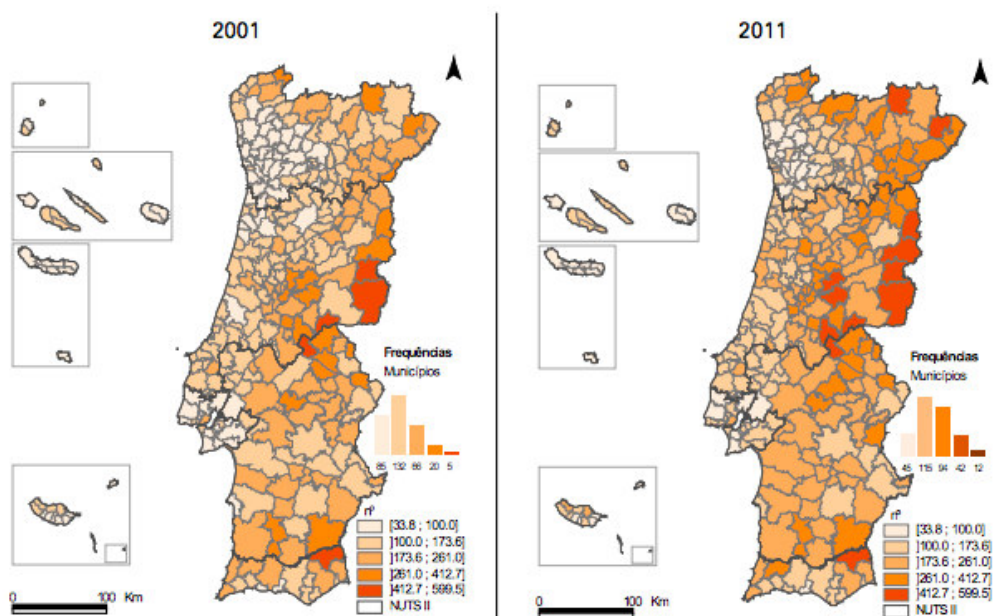


Figura 4 - Índice de envelhecimento (in Instituto Nacional de Estatística, 2011)

O agravamento do envelhecimento da população portuguesa é comum à generalidade do território nacional, sendo que apenas 16 dos 308 municípios apresentam, em 2011, indicadores de envelhecimento inferiores aos registados em 2011 Instituto Nacional de Estatística, 2011).

O envelhecimento das populações deixou de ser um fator meramente preocupante dos municípios interiores, e alastra-se a todo o Portugal Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Deste modo, é fulcral a criação de políticas de proteção à velhice, com vista a acautelar a segurança económica dos idosos, enaltecendo os deveres de proteção da dignidade da população humana. Com base no referenciado, a Segurança Social criou as seguintes medidas de proteção à velhice:

| | |
|--|--|
| Pensão de velhice | A pensão de velhice consiste numa prestação pecuniária mensal atribuída aos beneficiários do regime geral de segurança social, quando os mesmos atingem a idade legalmente definida como adequada para a cessação do exercício da atividade profissional |
| Pensão Social de Velhice | A pensão social de velhice consiste numa prestação pecuniária atribuída a cidadãos nacionais residentes em Portugal e/ou a cidadãos estrangeiros, residente em Portugal, abrangidos pelos regulamentos da União Europeia de Segurança Social e pelos instrumentos internacionais de Segurança Social em vigor em Portugal, a partir da idade normal de acesso à pensão de velhice |
| Acréscimo vitalício de pensão | O acréscimo vitalício de pensão é uma prestação pecuniária atribuída aos antigos combatentes, paga uma vez por ano, no mês de outubro, a conter as 12 mensalidades. |
| Benefícios adicionais de Saúde | Os benefícios adicionais de saúde consistem num apoio concedido aos idosos que recebem o Complemento Solidário para Idosos, a fim de reduzir as despesas ao nível da saúde, que se caracteriza através do: <ul style="list-style-type: none"> • Reembolso das despesas de saúde nas seguintes situações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Compra de medicamentos – 50% na parcela do preço não comparticipada pelo Estado; ○ Compra de óculos e lentes – 75% da despesa, até ao limite de 100€, por cada período de 2 anos; ○ Compra ou reparação de próteses dentárias amovíveis – 75% da despesa, até ao limite de 250€, por cada período de três anos. <p>Acesso às consultas de dentista e/ou estomatologista através de um cheque dentista disponibilizado pelo médico de família.</p> |
| Complemento especial à pensão social de velhice | O complemento especial à pensão social de velhice consiste numa prestação pecuniária atribuída aos antigos combatentes, pago uma vez por ano, no mês de outubro, contendo 14 mensalidades. |
| Complemento por cônjuge a cargo | O complemento por cônjuge a cargo consiste numa prestação pecuniária, mensal, que é atribuída aos pensionistas de velhice e de invalidez do regime geral da segurança social com cônjuge a cargo. |
| Complemento solidário para idosos | O complemento solidário para idosos consiste numa prestação pecuniária, mensal, atribuída aos pensionistas de velhice sobrevivência ou equiparadas, de qualquer sistema de proteção nacional ou estrangeiro, aos cidadãos nacionais, que não reúnam as condições para a atribuição da pensão social por não corresponderem à condição de recurso e aos titulares da prestação social para a inclusão. |

Tabela I - Medidas de Proteção à Velhice (Direção-Geral da Segurança Social, 2018)

1.1.3. As respostas sociais à velhice

Perante o envelhecimento progressivo da população, o Estado tem vindo a desenvolver e a criar condições para acolher o número crescente de comunidade idosa, surgindo a emergência das respostas sociais institucionalizada, nomeadamente:

- Serviço de Apoio ao Domicílio, que se caracterizam por serviços diversificados (alimentação, higiene, saúde, tratamento de roupa, entre outros), por parte de profissionais ou voluntários especializados, na própria casa do utente;
- Instituições, que realizam serviços de acolhimento e/ou tratamento em espaços especializados. Estes serviços podem ser prestados com carácter permanente (lares, hospitais e/ou residências) ou com carácter parcial (centros de dia, centros de convívio, universidades ou academias para a 3ª idade) (Jacob, 2008).

As duas estruturas referenciadas anteriormente e a família devem coincidir e serem desenvolvidas em concordância, de forma a permitir ao idoso a escolha ideal (Jacob, 2008).

1.2. O envelhecimento na atualidade

Atualmente, a população portuguesa está envelhecida e este processo de envelhecimento tem crescido ao longo das décadas (Fernandes, 2008 cit. in Fernandes, 2011). Além disso, existe um decréscimo da população jovem, segundo o Instituto Nacional de Estatística (Fernandes, 2011).

De referir também que o envelhecimento da população é um acontecimento irreversível das sociedades modernas, sendo que os seus impactos vão inevitavelmente interferir nos equilíbrios individuais e coletivos (Fernandes 2008 cit. in Fernandes). Consequentemente, a velhice, neste momento, é um problema social, pois, atualmente, a Europa está confrontada com um desequilíbrio intergeracional devido ao envelhecimento das faixas etárias (Fernandes, 2008 cit. in Fernandes, 2011).

Assim, com o envelhecimento demográfico, presenciámos profundas mudanças nas sociedades industriais modernas e estas acontecem de forma brusca e inesperada, abalando os pilares sociais (Fernandes, 2011).

Neste sentido, a população envelhecida é identificada, enquanto estereótipo socialmente produzido, pelo isolamento, solidão, doença, pobreza e exclusão social. Além disso, são considerados seres isolados e, devido à maior longevidade, será maior o risco de maus tratos e violência (Dias, 2005 cit. in Fernandes, 2011).

Por sua vez, o aumento da longevidade está relacionado com o desenvolvimento tecnológico e médico, o que possibilitou o aumento da esperança média de vida (Fernandes, 2011).

Assim, “O modo negativo de olhar o envelhecimento faz emergir novos fenómenos que discriminam e anulam a cidadania da pessoa idosa” (Fernandes, 2011).

Além disso, existem vários estereótipos¹ sobre a velhice. Segundo Fernandes, esta faixa etária está exposta a um tipo de preconceito mais complexo que integra estereótipos mistos. Deste modo, a sociedade caracteriza a população idosa, segundo vertentes opostas, pois uns consideram-na carinhosa e outros, incompetente.

Também o modo como o sujeito vê o envelhecimento afeta as suas atitudes perante o idoso.

Em suma, a discriminação do idoso, devido à sua idade e ausência de função laboral, pode ser considerada uma forma de violência, que é exercida de um modo mais ou menos subtil, pois nem só as agressões físicas provocam graves sequelas nestes indivíduos (Fernandes, 2011).

1.2.1. Conceito de velhice vs. Envelhecimento

O termo velhice e envelhecimento são diversas vezes confundidos, apesar de se destacarem como distintos (Rodrigues, 2012).

O envelhecimento trata-se do processo de vida que inicia a partir do nascimento. A velhice é a última etapa da vida, que pode ser mais ou menos retardado consoante o indivíduo e a sua trajetória de vida (Rodrigues, 2012).

Envelhecer é um processo natural, universal, contínuo e irreversível associado a todos os indivíduos (Rodrigues, 2012).

“O envelhecimento humano representa a última fase de um processo dinâmico de desenvolvimento que tem início na concepção e prossegue ao longo da vida do indivíduo, ou seja, nascer é começar a envelhecer, mais notória nas últimas fases de vida resultante da destruição dos tecidos ou sistemas orgânicos que leva a uma evolução biológica e psicológica responsável pela quebra de poder de sobrevivência e adaptação ao indivíduo. O envelhecimento não é uma doença, mas uma acumulação gradual de perdas funcionais irreversíveis que o idoso vai sofrendo ao longo da vida” (Fernandes, 2002)

Na atualidade, a velhice é vista como um declínio e não é valorizada, na medida em que o indivíduo já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida, ao nível físico e psíquico, com a perda progressiva do controlo da mente e do corpo (Monteiro, 2002, citado por Rodrigues 2012).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2015) um indivíduo que atinge os 65 anos de idade já é considerado idoso, e esta fase de vida da pessoa pode ser entendida consoante várias perspetivas, nomeadamente a idade biológica, a idade psicológica e a idade social, gozando de capacidades adaptativas como a memória, a motivação, os papéis e os hábitos do indivíduo face ao grupo social.

O envelhecimento, ao nível biológico, é associado ao acumular de variados danos moleculares e celulares, sendo que com o tempo esses levam a uma perda gradual nas reservas fisiológicas, ao aumento do risco de contrair as mais variadas doenças e a um agravar na capacidade intrínseca do indivíduo (Organização Mundial de Saúde, 2015).

Estas mudanças não são lineares nem consistentes, e são vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos, que frequentemente envolve mudanças significativas para além das perdas biológicas (Organização Mundial de Saúde, 2015).

Porém, estas incluem mudanças nos papéis e nas posições sociais, bem como na necessidade de lidar com perdas de relações íntimas (Organização Mundial de Saúde, 2015).

1.2.2. Envelhecimento ativo e qualidade de vida

A denominação de “envelhecimento ativo” foi adotada pela Organização Mundial de Saúde no fim dos anos 90, procurando reconhecer que além dos cuidados com a saúde, existem outros fatores que influenciam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (Katache & Kickbush, 1997, citado por Jacob, 2008).

O conceito referenciado aplica-se igualmente a grupos populacionais, permitindo que os indivíduos compreendam o potencial para o alcance do seu bem-estar físico, social e mental, e incluindo-os numa participação ativa no que concerne às questões económicas, culturais, espirituais, cívicas e na definição das políticas sociais (Jacob, 2008).

O principal objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e de qualidade de vida, e nesta perspetiva, Donald (1997, citado por Jacob, 2008) formulou cinco classes gerais, que servem de linha orientadora tanto para a população envelhecida, como para os profissionais que nela atuam:

- Bem-estar físico
- Relações interpessoais;
- Desenvolvimento pessoal;
- Atividades recreativas;
- Atividades espirituais.

Neste sentido, pode-se salientar que a qualidade de vida dos idosos depende da sua autonomia para a realização das tarefas do dia-a-dia; da relação familiar e/ou com o exterior de forma regular; dos recursos económicos e da realização de atividades lúdicas e recreativas constantemente (Jacob, 2008).

O envelhecimento ativo representa ter objetivos de vida e permanecer interessado nela, nas questões sociais, no afilar das relações e em cuidar da saúde física e mental (Fernandes, 2000 citado por Jacob, 2008).

1.3. As famílias

As famílias, tal como a sociedade, passam por diferentes mutações – maior controlo da natalidade, a mulher inserida no mercado de trabalho, novas configurações familiares, casamentos tardios, aumento dos divórcios, entre outras (Martins, 2015).

Neste sentido, as mudanças nas famílias também acarretam os cuidados com os filhos e os idosos. Os lares são sempre uma opção para o cuidado dos idosos, no entanto o mesmo desperta uma certa dúvida por parte dos idosos, mas igualmente dos familiares. Com a realidade atual das famílias, os cuidados dos filhos passam a ser delegados às escolas e os cuidados dos idosos às instituições (Martins, 2015).

As pessoas idosas vivem mais tempo, e nesta etapa final da vida é necessário todo o apoio familiar, tal como o da sociedade a fim de garantir a qualidade de vida e o bem-estar na terceira idade (Arruda, 2007).

A finalidade da família deve ser oferecer aos idosos proteção, afeto, carinho e identidade social. A solidariedade intergeracional é das principais e fundamentais funções da família, no entanto dado as alterações constantes nas dinâmicas e estruturas é impossível, parcial ou totalmente, os familiares exercerem o papel de cuidadores (Barbosa & Matos, 2008).

1.3.1. A família como um sistema

Atualmente existem inúmeras definições de família, sendo possível referir que o mais importante é vê-la como um todo.

Uma das definições, referenciada por Sampaio e Gameiro (1985), citado por Alarcão (2002), define família como “...um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”.

Referenciado Andolfi (1981), citado por Alarcão (2002, p.40), que ressalva a perspetiva holística, define a família como “um sistema entre sistemas e que é essencial a exploração das relações interpessoais, e das normas que regulam a vida dos grupos

significativos a que o indivíduo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros e para a formulação de intervenções eficazes.”

Desta forma a família pode ser considerada como um sistema uma vez que esta é composta por objetivos e os respetivos atributos e relações; contém subsistemas e é contida por outros sistemas ou suprassistemas, sendo que todos eles estão ligados e forma hierarquicamente organizada, e possui limites ou fronteiras (Alarcão, 2002).

Assim convém referenciar os 6 princípios alusivos à família, nomeadamente a hierarquia sistémica, a totalidade, a equifinalidade, a retroação, a auto-organização e o princípio hologramático (Alarcão, 2002).

O princípio da *hierarquia sistémica* salienta que cada elemento da família desempenha diversos papéis e participam e pertencem a diferentes sistemas ou subsistemas, tornando-se evidente que as fronteiras entre os vários sistemas ou subsistemas são permeáveis e que permitem assim a passagem seletiva de informação, e que a compreensão entre de cada sistema ou subsistema requer o conhecimento dos contextos em que se participa, fazendo uma análise às relações horizontais (as que ocorrem dentro do mesmo subsistema) e às relações verticais (as que acontecem entre diferentes sistemas e subsistemas) (Alarcão, 2002).

O princípio da *totalidade* revela que não podemos reduzir a família à soma dos seus elementos nem dos seus atributos, uma vez que a família é além do que a soma das vidas individuais dos seus componentes, pelo que há sentido em observar a interação e avaliar o desenvolvimento como sistema total. Contudo afirmar que a família é um todo não nos possibilita de esquecer os indivíduos que compõem a mesma, sendo que este foi o reducionismo da primeira cibernética (Alarcão, 2002).

Já referente ao princípio da *equifinalidade* destaca que um mesmo objetivo pode ser atingido a partir das condições iniciais diferentes ou através de diferentes caminhos, ou seja, as condições iniciais idênticas podem corresponder a resultados diferentes (Alarcão, 2002).

O princípio da *retroação* diz que o comportamento de um elemento não é o suficiente para explicar o comportamento de um outro, e vice-versa. Este divide-se em retroação positiva e retroação negativa, sendo que a primeira é referente a uma mudança

qualitativa, e a segunda constitui um mecanismo de regulação, senão que a família se vai adaptando a essas pequenas mudanças, sem grandes alarmismos (Alarcão, 2002).

O princípio da *auto-organização* refere que a família é um sistema aberto dado as trocas que recebe do exterior, juntamente com um conjunto de influências. Na primeira cibernética a família era vista como autorregulada, e dependia da retroação recebida, ou seja, o seu grau de abertura ou fecho dependia totalmente da informação recebida. Assim a organização da família é um conjunto de relações que se constituem o edifício familiar, e a estrutura são as relações que se estabelecem em cada etapa de vida da família, que lhe conferem configurações particulares, sem nunca modificar a identidade básica (Alarcão, 2002).

Podemos assim referir que a estrutura muda-se e a organização mantém-se (Alarcão, 2002).

Por fim, o princípio *hologramático* refere que a família é um todo e uma parte, ao qual Minuchin (1979), citado por Alarcão (2002) denomina de holão. Assim pode-se afirmar que o indivíduo é por um lado uma parte da família e da comunidade e por outro, habita nele e reconhece-se na família e na comunidade (Alarcão, 2002).

1.3.2. A família e a sua evolução

Ao longo dos anos, em harmonia com o desenvolvimento social e económico, a família tem enfrentado um processo de profundas transformações, com implicações ao nível das funções na sociedade e da evolução das suas estruturas, bem como da modificação das relações e dos papéis no interior da família (Naldini & Saraceno, 2003, citado por Reis, 2012).

As características marcantes destas mudanças caracterizam-se pela individualização, como a valorização de cada um dos seus membros, e uma maior autonomia (Alarcão, 2006, citado por Reis, 2012).



Figura 5 - A evolução da Família (Dias, 2011)

“A família é considerada como sendo o primeiro grupo humano organizado e como unidade-base da sociedade” (Fernandes, 2011, p. 18). Além disso, é na família que se propiciam os afetos e os bens materiais essenciais ao desenvolvimento e ao bem-estar do sujeito, sendo que esta desempenha um papel importante na educação formal e informal, devido aos valores éticos e morais e aos laços de solidariedade (Fernandes, 2011).

De referir também que a família é considerada um elemento principal nas trocas intergeracionais, pois é no seu seio que as gerações se encontram e interagem de forma intensa.

Porém, “as mudanças sociais implicam mudanças nos padrões familiares e as mudanças nos padrões familiares contribuem para mudanças sociais, ou não fora também ela uma agregação social” (Fernandes, 2011, p. 19).

Por sua vez, atualmente, existe o aparecimento de novas configurações de familiares. Estas têm feito aparecer alguns valores, nomeadamente a individualidade e a independência, a democraticidade, a igualdade entre os elementos e a cooperação entre si (Dinis, 2006:45 cit. in Fernandes, 2011).

As trocas intergeracionais continuam a ser fundamentais nas relações familiares nas sociedades modernas, concretizando-se no domínio afetivo, ou seja, nos cuidados com as crianças, nas ajudas domésticas e financeiras e nos cuidados gerais em caso de doença ou incapacidade.

Em suma, a família, desde sempre, exerce uma importante função na restituição e manutenção da saúde e bem-estar dos seus membros, pois é no seu seio que os idosos devem ser cuidados.

1.3.3. Representações sociais

A velhice é uma construção social, tal como a infância. A representação social da velhice é o resultado dos significados atribuídos a partir da vivência de cada idoso, da cultura e do que é passado pela família e pela sociedade (Abreu, 2014).

No que diz respeito aos cuidados familiares no processo familiar, é visível que as famílias demonstram atitudes que amparam de forma correta os hábitos dos idosos, observando-se igualmente a inversão nas relações de cuidado, havendo uma inversão de papéis (Medeiros, 2012, citado por Araújo, Castro & Santos, 2018).

O conceito de representação social, antes de ser aplicado à Psicologia Social, referia-se a uma imitação mental, interiorizada, da percepção. Deste modo, é com representação que somos capazes de evocar um indivíduo, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência (Monteiro & Ferreira, 2012).

Serge Moscovici alarga o conceito de representação ao desenvolver os fundamentos teóricos do conceito no início da década de 60 (Miguel, 2010). Assim, é em 1961, que publica - *A Psicanálise, a sua imagem e o seu público* - que analisava a forma como esta teoria sobre o psiquismo humano teria sido entendida pelo público em geral. Desta forma, a teoria científica passou a ser usada pelo senso comum através do processo de simplificação, modificando-se para um conhecimento social. Para a Psicanálise, existiam apenas duas ideias, a existência do inconsciente e o Complexo de Édipo, em que os sujeitos se posicionavam a favor ou contra esta teoria de Freud (Silva, 2006).

Pode definir-se, portanto, “representações sociais como um conjunto das explicações, das crenças e das ideias que são partilhadas e aceites coletivamente numa determinada sociedade e que são produto das interações sociais” (Monteiro & Ferreira, 2012).

De referir também que as representações sociais são essenciais nas relações humanas, pois fazem parte do processo de interação social, permitindo ao grupo compreender-se e comunicar. Deste modo, Moscovici identificou dois processos referentes às

representações sociais: a objetivação e a ancoragem, referindo-se estes conceitos ao modo como o social integra e transforma uma informação (Miguel, 2010).

A objetivação “é o processo através do qual as representações complexas e abstratas se tornam simples e concretas” (Monteiro & Ferreira, 2012, p. 175). Além disso, existem três fases no processo de objetivação, sendo elas a seleção, a esquematização figurativa e a naturalização (Monteiro & Ferreira, 2012).

Por outro lado, o processo de objetivação, anteriormente explicado, é completado pelo processo de ancoragem. Este “corresponde ao enraizamento, à assimilação das imagens criadas pela objetivação na mentalidade coletiva” (Monteiro & Ferreira, 2012).

Deste modo, quando ancorada, a representação social desempenha um papel de filtro cognitivo, ou seja, as informações novas são interpretadas baseadas nos quadros pré-existentes. Além disso, as representações são muito marcadas pela cultura e pela sociedade, sendo, assim, representações próprias (Monteiro & Ferreira, 2012).

As representações sociais também têm funções, destacando-se quatro (funções de saber, de orientação, identitária e de justificação) (Monteiro & Ferreira, 2012).

Em suma, as representações são orientadoras dos comportamentos sociais que cada indivíduo adotará no seu meio envolvente (Monteiro & Ferreira, 2012).

Investigar a velhice enquanto objeto da representação social significa conhecer o modo como as pessoas falam e se comportam em relação a essa fase de desenvolvimento, bem como compreender o conjunto de saberes associados e relacionados que integram a sociedade e expressam a identidade e o significado da velhice na vida quotidiana (Paula e Espírito-Santo, s/d).

A construção social dos significados da velhice, que ocorre com a construção da própria sociedade com o decorrer dos anos, define o modo como os indivíduos falam, pensam e se comportam em frente aos mais velhos no seu quotidiano (Paula e Espírito-Santo, s/d).

Assim, acredita-se que estudar as representações sociais na velhice é uma forma de contribuir para uma melhor compreensão deste processo e dos significados que são atribuídos à velhice por parte dos mais jovens (Paula e Espírito-Santo, s/d).

Capítulo 2

No Capítulo 2 abordar-se-á o tema da animação sociocultural na 3ª idade e nos seus diferentes campos de intervenção, bem como o desafio associado da intergeracionalidade aliado à promoção do bem-estar do idoso.

2.1. A animação sociocultural na 3ª idade

2.1.1. A animação social, educativa e cultural

A origem da Animação Sociocultural em Portugal não é possível identificar de forma precisa, nem definir a cronologia da Animação (Lopes, 2008).

Os tempos no dia-a-dia das pessoas para o trabalho e para o lazer estão inseridos em diferentes espaços e tempos, em que alguns estão integrados na animação (Lopes, 2008).

A Animação Sociocultural surgiu efetivamente a partir do 25 de abril de 1974, estendendo-se até aos dias de hoje partindo de seis fases:

- De 1974 a 1976 – assistiu-se à revolução em Portugal da Animação Sociocultural, onde os governos e as Forças Armadas assumem a Animação Sociocultural como um método eficiente para a intervenção na comunidade (Lopes, 2008).
- De 1977 a 1980 – as instituições levaram a cabo ações de Animação Sociocultural, assumindo a centralidade da mesma (Lopes, 2008).
- De 1981 a 1985 – ocorreu uma intervenção focada na preservação e recuperação do património cultural (Lopes, 2008).
- De 1986 a 1990 – houve a passagem da Animação Sociocultural do poder central para o poder local (Lopes, 2008).
- De 1991 a 1995 – ocorreu a intenção de valorizar a ação educadora do multiculturalismo, em conjunto com o pilar da educação *aprender a viver juntos* (Lopes, 2008).
- Por fim, iniciando em 1996 até aos dias de hoje, a Animação Sociocultural intervém num quadro integrativo e elevatório do ser humano, como participativo nos desafios, tornando-se promotor da própria autonomia (Lopes, 2008).

A Animação Sociocultural enquanto prática ligada à intervenção social, educativa e cultural surge apenas no século XX, fruto do nascimento das sociedades industriais e da desintegração das chamadas sociedades tradicionais, acarretando os problemas que advêm destas mudanças: integração social, participação comunitária, comunicação interpessoal e da identidade cultural (Batista, 2014).

É indiscutível que a Animação Sociocultural é parte integrante do trabalho do Educador Social, na medida em que a sua prática desenrola-se em várias dimensões e campos de intervenção, como resposta às necessidades e problemáticas resultantes da vida quotidiana e das relações estabelecidas pelos indivíduos e grupos (Silva & Moinhos, 2010).

Assim, os diferentes campos de intervenção pedem práticas distintas, que se podem estruturar em três eixos centrais: cultural, social e educativa (Silva & Moinhos, 2010).

Não obstante, convém ter sempre presente a perspetiva tridimensional referente às estratégias de intervenção, nomeadamente:

- Dimensão etária - infantil, juvenil, adultos e terceira idade;
- Espaço de intervenção – animação urbana ou rural;
- Dispersos âmbitos ligados a setores de áreas temáticas – educação, teatro, tempos livres, saúde... (Lopes, 2008).

2.1.1.1. A animação social

A animação social refere-se ao desenvolvimento de projetos de ordem social, com duas vertentes incorporadas:

- Assistencialista – abrange ações a fim de resolver problemas social;
- Comunitária – dirige-se aos indivíduos com vista a incentivar a participação ativa na comunidade, promovendo o desenvolvimento da mesma (Silva e Moinhos, 2010).

A animação social, em ambas as vertentes, pretende desenvolver as qualidades e as capacidades pessoais, partindo de um processo de pedagogia coletiva. O seu objetivo

final é o de desencadear processos auto - organizativos a nível individual e coletivo (Silva e Moinhos, 2010).

Assim, o animador/educador é um dinamizador, um facilitador de relações e da dinâmica grupal e coletiva (Silva e Moinhos, 2010).

2.1.1.2. A animação educativa

A animação educativa relaciona-se com a prática educativa e a ocupação dos tempos livres, focando-se em todos os grupos e população. Esta ocorre em espaços diversificados, em que apesar de normalmente ocorrerem em espaços educativos não formais, têm vindo a desenvolver-se cada vez mais em espaços formais – escolas. Salienta-se que o animador/educador, nesta animação, trabalha nas bases das relações interpessoais e de grupo (Silva e Moinhos, 2010).

Apresenta como objetivos:

- Promover o desenvolvimento pessoal;
- Desenvolver a motivação;
- Proporcionar a educação nos tempos livres (Silva e Moinhos, 2010).

2.1.1.3. A animação cultural

A animação cultural diz respeito ao desenvolvimento de programas de intervenção cultural, que terão como objetivos:

- Potenciar a produção cultural;
- Difundir a cultura (Silva & Moinhos, 2010).

Assim, o animador/educador é o responsável pela gestão e organização de equipamentos ou programas culturais (Silva & Moinhos, 2010).

| Eixos | Objetivos | Métodos | Espaços |
|------------------|--|-------------------------------------|---|
| Cultural | Divulgação cultural; Participação cultural e artística; Desenvolvimento da criatividade. | Centrada na atividade. | Casas da cultura; Centros culturais; Escolas de artes; Museus e bibliotecas. |
| Social | Vertente comunitária (participação, mudança...); Vertente assistencialista (inserção e integração). | Centrada no grupo ou na comunidade. | Associações e movimentos coletivos de cidadãos. Centros sociais. |
| Educativo | Desenvolvimento pessoal; Transformação das atitudes (responsabilidade, motivação...); Motivação para a educação permanente; Educação nos tempos livres. | Centrada na pessoa. | Universidades populares; Atividades extra-escolares; Escolas; Centros de formação; Centros de ocupação dos tempos livres. |

Tabela 2 - Eixos de Intervenção (in Silva & Moinhos, 2010)

2.2. A Animação Sociocultural e o desafio da intergeracionalidade

A animação interliga-se com outras áreas da educação e não há limites de faixa etária para a sua atuação, caracterizando-se por um estado de alma em que o indivíduo se sente livre e com vontade de viver. “Animar é sempre dar a alma e a vida a u grupo humano,

a um conjunto de pessoas, onde as relações não se produzem espontaneamente” (Jardim, 2002)

A animação é pois, um ato de animar, uma vivacidade no falar, no olhar, nos movimentos, uma alegria! No entanto, não se pode abordar a animação sem relembrar o ócio, tempo livre ou de lazer. É neste campo que se enquadra a animação, independentemente da faixa etária a que se destina, como ocupação com atividades que acarretem momentos de prazer, satisfação e descontração (Sequeira, 2013).

A animação intervém no tempo de ócio, promovendo atividades que podem ser de difusão cultural, atividades artísticas, atividades lúdicas e atividades sociais e educativas. Partindo da animação, os indivíduos aproveitam o seu tempo de forma ativa, participando em atividades socioculturais e socioeducativas, promovendo igualmente o desenvolvimento de competências, recordando vivências, entretendo-se e convivendo com os outros (Jacob, 2007).

Assim sendo, a animação impele tipos de atividades e facilita a inserção na comunidade (Sequeira, 2013).

A animação não deve ser apenas uma ocupação dos tempos livres, mas um arco variado de estímulos intelectuais e físicos, que sejam atrativos e de interesse dos utentes, de modo a cativá-los à participação. Quando a participação ocorre de forma espontânea, gera-se um ambiente positivo, carregado de entusiasmo e dinamismo, que pressupõem um prazer real na realização de atividades que lhes cativem. Contudo, quando a motivação está em falta, cabe ao animador o desencadeamento de processos de motivação e de outros que impliquem a participação do grupo (Sequeira, 2013).

Portanto, é fulcral que os destinatários da animação alterem o seu papel de meros observadores, transformando-se em atores da sua própria estimulação e desenvolvimento, uma vez que não se pode conceber a animação sem se ser indiferente à participação ativa dos indivíduos (Trilla, 1997, 1998).

Os programas de Animação Sociocultural nos centros de dia e nos lares residenciais devem ser adequados ao grupo, estabelecendo objetivos gerais e estratégias de implementação, de modo a permitir o alcance da realização pessoal, da compreensão do meio envolvente e a participação na vida comunitária. Assim alcança-se uma maior

integração, tendo sempre em atenção a voz do indivíduo, as suas opiniões e as suas capacidades, permitindo que as atividades de estimulação sejam capazes de compensar as faculdades que se vão dissipando, mantendo-as ativas durante o período do usufruto da atividade (Trilla, 1997, 1998).

As relações intergeracionais devem ocorrer também fora do contexto familiar, na medida em que a sociedade se depara com elevadas mudanças sociais e económicas, que podem resultar num risco para o conflito entre as gerações (Sequeira, 2013).

Há estudos que apontam que a ideia do bem-estar na velhice está associada à intensidade das relações familiares e do convívio familiar (Sequeira, 2013).

Lopes (2008) refere que “as relações intergeracionais ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou protecionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entrem em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas”.

Em 2000, a UNESCO, elaborou um relatório que contém os benefícios individuais e sociais da troca de experiências entre as gerações, defendendo que estes programas são um instrumento facilitador da inclusão social e do desenvolvimento da comunidade. Ainda segundo a UNESCO, todos os programas educativos intergeracionais têm objetivos em comum, a fim de procurar minimizar as perdas do processo de envelhecimento, promover a inclusão e valorização, desenvolver as competências no que concerne à transmissão de conhecimentos, habilidades e valores, promover as interações e conseqüentemente a aquisição de saberes, estimular e recuperar jogos tradicionais, desenvolver novas aptidões nas crianças e promover a educação ao longo da vida. O sucesso destas intervenções reside na manutenção das estruturas sociais que são capazes de responder às necessidades de ambos os grupos (Teiga, 2012).

Deste modo, a UNESCO foi a grande impulsionadora para a adoção de políticas que promovam o diálogo entre gerações díspares, incentivando o financiamento de programas desse caráter (Teiga, 2012).

A transmissão de experiências e vivências permite que a geração compreenda a linguagem e a simbologia, de modo a diminuir os conflitos, que ultrapassa as diferenças etárias, e abrange as discordâncias de atitudes, crenças, culturas e experiências. Esta troca, transmite ao utente sentimentos de inclusão e valorização (Teiga, 2012).

Consequentemente, a transferência intergeracional, de saberes e ofícios, possibilita a aprendizagem recíproca, magnetizando o respeito e a compreensão entre as gerações (Teiga, 2012).

2.2.1. Intergeracionalidade e o conceito de geração

Ao falar em intergeracionalidade surge um espaço de diálogo e de troca de experiências entre gerações que levam ao enriquecimento mútuo. Não obstante, é na família que ocorrem as primeiras trocas intergeracionais, sendo no seu seio que ocorrem as interações de forma mais intensa.

Com a ideia subjacente de que as gerações mais velhas têm como foco a transmissão de saberes e valores aos mais novos, é de ressaltar que as gerações mais novas também podem e devem ter essa função, sendo as principais promotoras do bem-estar, da participação social e da auto valorização.

Tanto a geração mais velha como a mais nova possuem saberes e conhecimentos, e a possibilidade de trocar pressupõe a vivência de diferenciados modos de pensar, agir e de sentir, bem como a renovação da visão do mundo e das pessoas, respeitando sempre as idiosincrasias.

A fragilidade das relações intergeracionais não se traduz pela perda da qualidade dos afetos derivado da crise da estrutura familiar, mas na falta de indivíduos para construir ou reconstruir repetidamente essas relações (Pereira, 2012).

As relações intergeracionais devem e têm que ser estimuladas, para beneficiar na proximidade afetiva e na comunicação, enaltecendo a necessidade de preparação do idoso para uma aprendizagem gerada a partir das gerações mais novas (Azeredo, 2011).

2.2.2. As atividades intergeracionais e a promoção do bem-estar do idoso

A vida social das crianças e dos idosos provocam alterações no que concerne ao convívio entre ambos. Com as alterações constantes demográficas e da estrutura familiar, as relações entre estes grupos díspares têm-se tornado cada vez mais fulcrais.

A Animação Sociocultural surge como consequência das mutações políticas, sociais e económicas, independentemente de na sua origem se encontrarem determinadas formas de educação popular não escolar (Trilla, 1997, 1998).

As mudanças acima referidas juntamente com as científicas, o desenvolvimento tecnológico, o aumento dos tempos livres, o ócio como necessidade fulcral para o funcionamento das sociedades, as mutações nas relações, os modelos de vida entre a comunidade, a educação permanente como um direito e a necessidade de uma sociedade democrática são alguns dos fatores que nascem do Estado do bem-estar¹ que se fundem na animação sociocultural atual (Trilla, 1997, 1998).

Não obstante, apesar da relevância atribuída à Animação Sociocultural existe uma certa incerteza quanto ao seu significado, dado que a mesma é capaz de exprimir três modalidades distintas, resultado da evolução do Estado bem-estar, nomeadamente *cultural-social* e *educativa* (Sánchez, 1991, citado por Trilla, 1997, 1998).

A modalidade *cultural* centra-se na expressão e na criatividade, enquanto a modalidade *social* procura a participação e a integração social dos seus participantes, dizendo a modalidade *educativa* respeito ao desenvolvimento pessoal e à aquisição de uma capacidade crítica (Trilla, 1997, 1998).

A Animação Sociocultural evidentemente interliga-se intimamente ao Estado do bem-estar, sob uma perspetiva histórica (Trilla, 1997, 1998).

¹ O Estado de bem-estar diz respeito à capacidade do governo regularizar o crescimento económico e consequentemente planificar a redistribuição dos recursos sociais de forma justa para toda a comunidade. Por outras palavras, após o alcance satisfatório do bem-estar económico, o governo intervém na vida dos cidadãos com vista ao alcance do seu bem-estar social e aumento da qualidade de vida (Trilla, 1997, 1998).

Após as duras críticas ao Estado bem-estar proferidas nos finais dos anos 1970, uma das grandes críticas foi o aumento dos tempos livres fruto dos problemas para o alcance de emprego, ressaltando que a Animação Sociocultural era vista de forma negativa (Trilla, 1997, 1998).

Deste modo, existe uma necessidade de educar para a nova fase que acarreta profundas mudanças, de modo a ser possível o usufruto total (Andrade, 2002).

A Animação Sociocultural é vista como um principal estímulo para a vida mental, física e emocional da comunidade, cujo objetivo é a estimulação para a participação num vasto rol de experiências que lhes permitam o alcance da realização pessoal. E é notório que nas grandes cidades e urbanas há um hostil estímulo comparativamente às pequenas cidades e rurais, havendo necessidade de o criar como elemento da política social (Trilla, 1997, 1998).

É neste rol que surgem as atividades intergeracionais de modo a colmatarem e/ou atenuarem as diferenças entre as gerações (Ferreira, 2018), tornando o objetivo principal a promoção do bem-estar de todos os intervenientes.

Convém salientar que o que se torna benéfico para uma geração pode não o ser para outra, e aí surge a solidariedade, que acaba por ter um papel fulcral na qualidade de vida do idoso.

A intergeracionalidade promove as relações de comunicação entre ambos os elementos, mas constitui igualmente um vínculo para o enriquecimento de conhecimentos e experiências de vida. Do ponto de vista do idoso, a possibilidade de os mesmos participarem ativamente em determinada atividade faz com que os mesmos adquiram uma imagem positiva sobre os próprios (Newman, Lyons & Onawola 1985). As atividades demonstram-se enriquecedoras e recompensadoras para ambas as partes, gerando a criação de uma relação de afetividade, com ganhos para o aumento da autoestima do idoso (Newman, Lyons & Onawola 1985).

Capítulo 3

O capítulo 3 refere-se à metodologia levada em consideração para o desenvolvimento do estudo de caso, contendo descrição detalhada do contexto do estudo em questão, enquadrando igualmente a natureza do estudo, os participantes envolvidos, as técnicas de recolha de dados e a análise dos mesmos. Por fim, faz-se referência aos cuidados éticos da estagiária, durante a implementação do projeto de intervenção no contexto profissional.

3. Metodologia

3.1. Contexto do Estudo

3.2.

- **Caracterização Sociodemográfica do Contexto do Estudo**

A União de Freguesias de Lobão, Gião, Louredo e Guisande, pertence ao Concelho de Santa Maria da Feira e Distrito de Aveiro, sendo que esta união de freguesias é resultante da Lei nº11-A/2013 de 28 de janeiro, pela Reforma Administrativa Nacional. Atualmente apresenta uma área de 23,93Km² e 9860 habitantes, com base nos censos 2011, tornando-se a 3^a maior freguesia do Concelho de Santa Maria da Feira. Dissecando as 4 freguesias que compõem esta união surge:

- Lobão: apresenta uma área de 7.91Km² e 5483 habitantes, traduzindo-se numa densidade populacional de 693.2 habitantes por Km²;
- Gião: apresenta uma área de 3.57Km² e 1815 habitantes, traduzindo-se numa densidade populacional de 508.4 habitantes por Km²;
- Louredo: apresenta uma área de 8.67Km² e 1325 habitantes, traduzindo-se numa densidade populacional de 152.8 habitantes por Km²;
- Guisande: apresenta uma área de 3.78Km² e 1237 habitantes, traduzindo-se numa densidade populacional de 327.2 habitantes por Km².

A sede da Junta da União de Freguesias está localizada em Lobão, onde funcionam os serviços de atendimento à comunidade, bem como o GIP (Gabinete de Inserção Profissional). Deste modo, nas demais freguesias – Gião, Louredo e Guisande – as extintas Juntas são agora extensões da sede, tendo atendimento ao público uma vez por semana, em dias e horários divulgados previamente.

Focalizando na freguesia de Gião, esta terá nascido no vale da “Quinta da Beira”, composto atualmente por oito lugares – Azevedo, Beira, Boavista, Canedinho, Casal, Fundo de Aldeia, Godinho, Outeiro e Pomar.

Nos tempos atuais e, embora seja uma das freguesias mais pequenas do Concelho, em termos populacionais, Gião, nos últimos dez anos, aumentou substancialmente (48,2 %), sendo na freguesia do concelho que mais cresceu percentualmente. Em 1991, a população era de 1131 pessoas e, atualmente, segundo, os Censos 2001, o número de habitantes é de 1676.

- **O Centro Social de Gião**

O Centro Social de Gião foi inaugurado na data de 26 de novembro de 2011, pelo Secretário de Estado da Solidariedade Social, – Dr. Marco António Costa, – na presença do Presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira – Sr. Alfredo Henriques.

Esta IPSS, com 6 anos de existência, dispõe de três valências, nomeadamente: Creche, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário. Deste modo, a **Creche** do Centro Social de Gião é uma resposta social de natureza socioeducativa, vocacionada para o apoio à família e à criança, tratando-se assim, acima de tudo, de um espaço pensado e organizado no bem-estar das crianças e adequado aos seus interesses e necessidades. O serviço de Creche nasce e visa, precisamente, colmatar esse tipo de necessidades, garantindo o acolhimento de crianças com idades compreendidas entre os 4 meses e os 3 anos de idade, durante o período laboral dos responsáveis legais, assumindo a promoção do desenvolvimento integral das mesmas. Deste modo, a Creche assegura a prestação dos seguintes serviços:

- Acolhimento de crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade, no seu horário de funcionamento;
- Nutrição e alimentação adequada, qualitativa e quantitativamente, à idade da criança, sem prejuízo de dietas especiais em caso de prescrição médica;
- Cuidados de higiene pessoal;
- Atividades pedagógicas, lúdicas e de motricidade, em função da idade e necessidades específicas das crianças;

- Disponibilização de informação à família sobre o funcionamento da creche e desenvolvimento da criança.

A Creche tem capacidade para 26 crianças, distribuídas da seguinte forma:

- Berçário: tem capacidade máxima para 8 crianças;
- Sala 1: tem capacidade máxima para 10 crianças;
- Sala 2: tem capacidade máxima para 12 crianças.

O horário de funcionamento da Creche é compreendido entre as 7h30 e as 19h, todos os dias da semana, excetuando feriados e fins-de-semana. De salientar que a capacidade máxima da creche deve ser distribuída pelas diferentes salas, respeitando sempre todos os limites previamente estabelecidos.

A Creche é coordenada por um Educador de Infância, nomeado pela Direção Técnica do Centro Social de Gião e aprovada pela Direção da Administração, e que assegura e execução das linhas orientadoras e de coordenação de atividade pedagógica.

A resposta social é gerida pelo Diretor Técnico e de serviços, que é o responsável pelo funcionamento de todos os serviços e pelo cumprimento das normas do regulamento. O Diretor, na sua ausência, é substituído pelo Coordenador Técnico e Pedagógico da Infância, nomeado anualmente.

Atualmente a Creche é composta por 6 colaboradoras, no total, estando repartidas, consoante necessidade pelas distintas salas, das quais 2 detêm a categoria profissional de Educadoras de Infância.

No que concerne ao **Centro de Dia**, este é uma resposta social que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados, a pessoas e famílias, quando por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das necessidades básicas e/ou atividades de vida diária. O serviço de Centro de Dia visa assim colmatar esse tipo de necessidades, destinando-se ao acolhimento de pessoas, em especial idosas, de ambos os sexos, que necessitem de cuidados diferenciados.

Deste modo, o Centro de Dia assegura a prestação dos seguintes serviços:

- Acolhimento de pessoas, em especial idosos, de ambos os sexos, no seu horário de funcionamento;
- Fornecimento de refeições e acompanhamento das mesmas, nomeadamente o pequeno-almoço, o suplemento da manhã, o almoço e o lanche;
- Medicação de indicadores de saúde;
- Administração de fármacos, quando prescritos;
- Articulação com os serviços locais de saúde, quando necessário;
- Transporte (casa-centro de dia-casa) e visitas programadas.

O Centro de Dia pode ainda assegurar outros serviços, nomeadamente:

- Apoio psicossocial;
- Tratamento de roupa;
- Cuidados de higiene pessoal;
- Cuidados de conforto e imagem;
- Jantar;
- Acompanhamento ao exterior.

O horário de funcionamento do Centro de Dia é compreendido entre as 7h50 e as 18h00, todos os dias da semana, excetuando feriados e fins-de-semana.

O Centro de Dia tem capacidade para 40 utentes.

O Centro de Dia é coordenado por um Educador Social, nomeado pela Direção Técnica do Centro Social de Gião e aprovada pela Direção da Administração, e que assegura e execução das linhas orientadoras e de coordenação de atividade pedagógica e recreativas.

A resposta social é gerida pelo Diretor Técnico e de serviços, que é o responsável pelo funcionamento de todos os serviços e pelo cumprimento das normas do regulamento. O Diretor, na sua ausência, é substituído pelo Coordenador do Centro de Dia/Serviço de Apoio Domiciliário.

Atualmente o Centro de Dia é composto por 2 pessoas internas, – auxiliar de ação direta e animadora sociocultural – sendo que à posterior do término do Serviço de Apoio

Domiciliário são reforçadas as equipas. Ao grupo de colaboradoras que compõem o Centro de Dia une-se a Coordenadora deste serviço.

Por fim, o **Serviço de Apoio Domiciliário** do Centro Social de Gião é uma resposta social que visa a prestação de apoio à infância, à terceira idade, bem como à comunidade, com o objetivo de promover o desenvolvimento global dos utentes, respeitando as experiências idiossincráticas e os valores humanistas.

Deste modo, o Serviço de Apoio Domiciliário assegura a prestação dos seguintes serviços:

- Fornecimento e apoio nas refeições, respeitando as dietas com prescrição médica;
- Cuidados de higiene e de conforto pessoal;
- Tratamento da roupa do uso pessoal do utente;
- Higiene habitacional, estritamente necessária à natureza dos cuidados prestados;
- Atividades de animação e socialização.

O Serviço de Apoio Domiciliário pode ainda assegurar outros serviços, nomeadamente:

- Acompanhamento e transporte a consultas;
- Realização de pequenas reparações/modificações no domicílio;
- Cedência de ajudas técnicas;
- Apoio psicossocial;
- Formação, sensibilização e encaminhamento dos familiares e cuidadores informais para a prestação de cuidados aos utentes.

O horário de funcionamento do Serviço de Apoio Domiciliário é compreendido entre as 7h40 e as 17h30 durante os dias da semana, e entre as 8h e as 13h durante os feriados e fins-de-semana.

O Serviço de Apoio Domiciliário tem capacidade para 20 utentes.

O Serviço de Apoio Domiciliário é coordenado por um Educador Social, nomeado pela Direção Técnica do Centro Social de Gião e aprovada pela Direção da Administração o, e que assegura a execução das linhas orientadoras e de coordenação de atividade pedagógica e recreativas.

A resposta social é gerida pelo Diretor Técnico e de serviços, que é o responsável pelo funcionamento de todos os serviços e pelo cumprimento das normas do regulamento. O Diretor, na sua ausência, é substituído pelo Coordenador do Centro de Dia/Serviço de Apoio Domiciliário.

Atualmente o Serviço de Apoio Domiciliário é composto por 5 colaboradoras, estando as mesmas repartidas pelas 2 equipas existentes. Ao grupo de colaboradoras que compõem o Serviço de Apoio Domiciliário une-se a Coordenadora deste serviço.

3.3. Natureza e objetivos do estudo

No que diz respeito à metodologia adotada, optou-se pelo estudo de caso, sendo o Centro Social de Gião o objeto de estudo em análise. O estudo é de natureza qualitativa e tem como principal objetivo responder à seguinte questão: qual o impacto da implementação de atividades intergeracionais na melhoria da qualidade de vida dos idosos Centro de Dia do Centro Social de Gião?

Neste sentido optou-se por uma metodologia qualitativa, que se justifica através da natureza do objeto de estudo, das técnicas de recolha e da interpretação dos dados. Assim sendo, este estudo de caso desenrola-se com base numa metodologia qualitativa, pois pretende-se compreender a realidade e não explicá-la. Esta abordagem qualitativa requer que os investigadores criem empatia com os participantes do estudo de caso e que compreendam os vários pontos de vista. Assim, o objetivo não é fazer juízos de valor, mas desenvolver conceitos sensíveis, descrever realidades múltiplas, criar uma teoria fundamentada e desenvolver a compreensão do e para o outro (Bogdan & Biklen, 1994).

De acordo com Yin (2010), “o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir para o nosso conhecimento de fenómenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”, sendo que o mesmo ainda ressalva que “o método do estudo de caso é, provavelmente, mais apropriado para as questões “como?” e “por quê?”, por isso sua tarefa inicial é esclarecer, precisamente, a natureza de suas questões de estudo a esse respeito”.

Para Araújo e Oliveira (1997) a pesquisa qualitativa desenvolve-se como um estudo carregado de dados descritivos, por se crer que existe “contacto direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

A amostra deste tipo de abordagem é pequena e pouco representativa, utilizando como técnicas a observação participante, a análise documental e a entrevista aberta a um profissional da área, gravando-a e transcrevendo-a para uma futura comparação de dados e criação de modelos, temas ou conceitos. Assim, faz uso de instrumentos como o gravador e a transcrição.

A escolha deste tipo de investigação deve-se ao facto de esta ser mais detalhada (o que permite uma maior recolha de dados e abrangência dos mesmos), de estar relacionada com o âmbito pretendido e por esta se aplicar com maior facilidade devido ao tema abordado.

3.4. Participantes no Estudo / Amostra

É assim de extrema importância analisar a situação, as características, as peculiaridades e as necessidades e traços mais destacados da população com a qual se levará a cabo o projeto (Serrano, 2008).

Deste modo, a amostra do estudo é composta por um grupo de 20 indivíduos com idades compreendidas entre os 49 e os 96 anos, formada pelo sexo masculino e feminino. O grupo sofreu alterações ao longo de todo o estudo de caso, dado as necessidades de cada utente, do falecimento e da entrada de outros que inicialmente não compunham a amostra.

O grupo é composto maioritariamente por utentes do sexo feminino, que independentemente das alterações sofridas ao longo do ano os valores mantiveram-se sempre equiparados aos apresentados atualmente. O grupo é composto maioritariamente por utentes que se encontram com idades compreendidas entre os 70 e 80 anos, tendo quase todos netos e bisnetos, dos quais mais de metade mantém uma relação próxima.

Caracterização dos Profissionais participantes no estudo

| | Idade | Sexo | Habilitações | Profissão | Função no CSG |
|----------------|-------|------|---------------|-----------------------|-------------------------|
| Profissional 1 | 37 | F | Licenciatura | Educadora Social | Coordenadora |
| Profissional 2 | 24 | F | Pós-Graduação | Educadora Social | Animadora sociocultural |
| Profissional 3 | 27 | F | Licenciatura | Educadora de Infância | Educadora de Infância |

Caracterização dos Idosos participantes no estudo

| | Idade | Sexo | Habilitações | Profissão | Estado Civil | Filhos | Com quem Vive |
|-----------------|-------|------|---------------------------|----------------------|--------------|--------|----------------|
| Idoso 1 | 79 | F | 4ª classe | peixeira | casada | sim | Marido |
| Idoso 2 | 79 | F | 3ª classe | lavoura | viúva | sim | Sozinha |
| Idoso 3 | 55 | F | 4ª classe | doméstica | solteira | não | mãe |
| Idoso 4 | 82 | F | Não sabe ler nem escrever | doméstica | viúva | sim | sozinha |
| Idoso 5 | 74 | F | 4ª classe | Empregada de limpeza | casada | sim | Marido e filha |
| Idoso 6 | 49 | F | Não sabe ler nem escrever | doméstica | solteira | não | mãe |
| Idoso 7 | 79 | F | 4ª classe | doméstica | viúva | sim | filha |
| Idoso 8 | 86 | F | 4º classe | doméstica | viúva | sim | filha |
| Idoso 9 | 80 | F | 4ª classe | doméstica | casada | sim | marido |
| Idoso 10 | 75 | F | Não sabe ler nem escrever | doméstica | viúva | sim | sozinha |
| Idoso 11 | 83 | F | 4ª classe | restauração | Viúva | sim | filha |

| | | | | | | | |
|-----------------|----|---|------------------------------|---------------------|----------|-----|----------|
| Idoso 12 | 81 | F | 4ª classe | enfermeira | viúva | sim | filha |
| Idoso 13 | 92 | F | 4ª classe | doméstica | solteira | não | sobrinha |
| Idoso 14 | 65 | F | 4ª classe | doméstica | casada | sim | marido |
| Idoso 15 | 96 | F | 4ª classe | doméstica | viúva | sim | filha |
| Idoso 16 | 50 | F | 6ª classe | doméstica | casada | sim | marido |
| Idoso 17 | 79 | M | 4ª classe | construção civil | casado | sim | esposa |
| Idoso 18 | 55 | M | 4ª classe | construção civil | casado | sim | esposa |
| Idoso 19 | 67 | M | Não sabe ler nem escrever | lenhador | viúvo | sim | sozinho |
| Idoso 20 | 73 | M | 4ª classe | calceteiro | casado | sim | esposa |
| Idoso 21 | 92 | M | 4ª classe | construção civil | viúvo | sim | sozinho |
| Idoso 22 | 85 | M | 4ª classe | agricultor | casado | sim | esposa |
| Idoso 23 | 84 | M | Não sabe ler nem escrever | agricultor | casado | sim | esposa |
| Idoso 24 | 67 | M | 4ª classe | agricultor | casado | sim | esposa |
| Idoso 25 | 86 | M | 4ª classe | agricultor | casado | sim | esposa |
| Idoso 26 | 88 | M | 4ª classe | agricultor | solteiro | não | sozinho |
| Idoso 27 | 76 | M | 4ª classe | agricultor | viúvo | sim | filha |
| Idoso 28 | 85 | M | 4ª classe | agricultor | solteiro | sim | sozinho |

Denote-se que os idosos nº15, 24, 25, e 26 faleceram durante a implementação do projeto, e os idosos nº14, 16, 27 e 28, pelas variadas razões, saíram do Centro de Dia do Centro Social de Gião.

A colocação dos utentes ausentes, apesar de incluídos apenas numa parte do projeto, é fulcral para a obtenção dos resultados finais.

3.5. Recolha de Dados

A fonte de dados neste estudo de caso é a situação natural, sendo a investigadora um instrumento para a recolha de dados. “Na investigação qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 47).

Esta investigação é descritiva, uma vez que os dados são recolhidos através de palavras/imagens e não em números. Os investigadores, ao recolherem dados descritivos, conseguem abordar o mundo/ tema de forma meticulosa e, assim, estes interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados/ produtos.

É notório, com base no referido anteriormente, que se optou pela entrevista aberta cujo objetivo principal se prende com o de compreender, detalhadamente, como é que as atividades intergeracionais têm influência na qualidade de vida e na forma de ver a vida do ponto de vista do idoso, contendo finalidades exploratórias.

Estes investigadores tendem a analisar os dados de forma indutiva, ou seja, não recolhem os dados para confirmar hipóteses e os conceitos vão sendo construídos à medida que os dados recolhidos se vão agrupando. Estes dão bastante importância aos diferentes modos como as pessoas dão sentido às suas vidas (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48-50).

Neste sentido, os métodos de recolha de dados selecionados são as entrevistas, a análise documental e a observação participante.

3.5.1. Entrevistas

A entrevista consiste na obtenção de informações dos participantes referentes à questão e aos objetivos da investigação, sendo fulcral um plano de entrevista de modo a que todas as informações necessárias sejam recolhidas (Reis, 2018).

As entrevistas permitem que o investigador crie uma relação com o entrevistado, de modo a ter acesso às informações mais relevantes para a investigação em causa, permitindo a descrição dos fenómenos (Reis, 2018).

A entrevista realizou-se à Coordenadora do Centro de Dia em questão, que outrora fora Animadora Sociocultural, o que permitiu uma abordagem clara e específica à investigação em questão, enaltecendo e focalizando aspetos fulcrais nas atividades intergeracionais implementadas no seio da IPSS. O guião da entrevista à coordenadora encontra-se em anexo a este estudo. (ver anexo 1).

3.5.2. Análise Documental

A documentação é um instrumento utilizado na procura de elementos para o enriquecimento da dissertação, sendo que convém salientar que não basta a leitura de um documento para a extração da informação, dado ser fulcral a avaliação da veracidade da informação (Reis, 2018).

A análise documental deve ser cruzada, à posterior, com outros instrumentos, nomeadamente as entrevistas, que auxiliam a confirmar factos observados e respostas fornecidas (Reis, 2018).

A análise documental pressupõe não só o recurso à IPSS, mas igualmente a recursos que eram fornecidos pela equipa técnica que compõe o Centro de Dia, que foram fortes indicadores do caminho a levar a cabo pela investigadora. Neste rol engloba-se a plataforma *Ankira*, com vista à análise do composto na mesma.



Figura 6 - Programa Ankira

3.5.3. Observação Participante

A técnica da observação participante compreende a integração do investigador no grupo, implicando a sua participação nas atividades além da observação do grupo (Santo, 2010).

Esta técnica pressupõe que o investigador procure e consiga estabelecer relações com os indivíduos, realizando-o de forma mais natural possível, de modo a não afetar as rotinas normais da comunidade (Santo, 2010).

A vantagem da observação participante é o distanciamento em relação ao grupo, que possibilita que se atente a detalhes que de outro modo lhe pareceriam naturais e não dignos de registo (Santo, 2010).

A utilização desta técnica auxiliou na familiarização com o contexto estudado, na adequação da sua linguagem à população em causa, na conquista de confiança, na observação dos comportamentos, dos discursos, das preocupações e das ações.

A observação participante decorreu durante todo o processo, durante aproximadamente 8 horas diárias, onde ocorriam contactos diretos e indiretos com a população em questão.

3.6. Análise de Dados

Para a análise da entrevista à coordenadora do Centro Social de Gião, bem como os documentos e informação disponível na plataforma *Ankira*, referente às atividades desenvolvidas e aos dados pessoais de cada utente idoso, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo consiste essencialmente na análise mais pormenorizada de documentos, pelo que é fulcral a existência de um plano de análise para não ocorrerem conclusões fracas. A capacidade de analisar diferente informação de inúmeros instrumentos aplicados possibilita uma categorização mais facilitada.

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo traduz-se num conjunto de técnicas de análise das comunicações, com o intuito de obter, através de procedimentos e objetivos, indicadores que permitam a conjugação de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens.

A utilização da técnica de análise de conteúdo pressupõe três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos (Bardin, 2009).

Capítulo 4

O Capítulo 4 é referente ao projeto levado a cabo para o desenvolvimento do estudo de caso, intitulado de “Ser + felicidade” que comporta o diagnóstico das necessidades, a planificação, a execução e a sua avaliação.

4. Projeto “Ser + felicidade”

4.1. Diagnóstico de necessidades

Tendo por base a criação de um projeto, é necessário que a necessidade em causa seja real, a fim de encontrar uma solução para a mesma, partindo do apoio de uma equipa multidisciplinar, tornando-se assim necessário avaliar e determinar os recursos disponíveis para que seja possível a correção ou diminuição da lacuna. Com o suporte do referido, pode-se considerar uma necessidade como a “discrepância entre a situação existente e a situação desejada, ou seja, a distância entre o que é e o que deveria ser” (Serrano, 2008).

Segundo Forni (1988), citado por Serrano (2008), “um problema social manifesta-se como a distância relativamente a um *standard* ou a uma média social aceitável, ou como uma conduta desviada, ou então como o produto da acumulação de carências que requerem, para a sua superação, uma política de igualdade de oportunidades”.

As necessidades podem ser detetadas com base nas expetativas para o nível social, zona ou bairro em que se pretende que o projeto se realize, ou partindo da constatação dos desejos dos indivíduos que participam na zona selecionada. Contudo não basta que esta necessidade seja sentida, é necessário avaliar até que ponto é real ou imaginária (Serrano, 2008).

Assim, e tendo por base o referido anteriormente, é necessário proceder à recolha e à análise das necessidades, usando como recurso técnicas de recolha de dados, como a **observação direta, a análise documental e as conversas informais** com os profissionais que trabalham neste contexto (Serrano, 2008).

As técnicas levadas a cabo para a implementação do projeto “Ser + felicidade” foram as tidas em consideração durante toda a elaboração da presente Dissertação de Mestrado, dado serem as mais adequadas ao local, ao grupo e ao estudo de caso em questão.

Após a implementação do projeto foi possível compreender de forma mais pormenorizada o grupo de utentes idosos, havendo um maior enfoque nas técnicas utilizadas durante todo o processo (mais observação, elevada análise documental e consequentes conversas informais).

4.1.1. *Observação direta da realidade*

Esta análise das necessidades realizou-se através da **observação da realidade**, da ação, de consultas a especialistas, neste caso com os profissionais que integram a equipa do Centro de Dia em causa, os utentes idosos e da análise e observação do contexto, tal como referenciado anteriormente (Serrano, 2008).

Após a utilização de tais práticas foi possível identificar as necessidades que o contexto em causa possui, sendo estas a solidão, a acomodação associada ao processo natural do envelhecimento, a gestão de conflitos e de emoções, a comunicação do grupo, a atenção pelo outro e o outro como pessoa com sentimentos, e consequentemente a felicidade e qualidade de vida adjacente, surgindo igualmente a necessidade de implementação de atividades de cariz intergeracional, que colmatem e/ou atenuem as anteriores necessidades descritas.

| Principais necessidades identificadas | Descrição / Observação / Notas de Campo |
|--|---|
| Solidão | <p>Apesar das respostas serem adequadas às necessidades dos utentes, os mesmos sentem-se imensamente sozinhos, independentemente da quantidade de companhia disponível para os mesmos. Aquando o término do horário letivo os mesmos demonstram-se desgostosos com o regresso a casa, salientando que não terão qualquer estímulo ou entretenimento até ao regresso à 2ª casa, pelo que se ressalva que as reformas da vida ativa e as doenças em idade avançada originam, por vezes, verdadeiras retiradas da vida (Pais, 2006).</p> <p>A solidão nestes casos tem um efeito bola de neve, uma vez que quando os idosos são inseridos em respostas sociais direcionadas aos mesmos (centro de dia), verificam-se que continuam frequentemente insatisfeitos, distantes, numa indiferença sonolenta (Pais, 2006).</p> <p><i>E.G.: Durante o horário de funcionamento do Centro de Dia os utentes têm atividades frequentes, sendo estimulados constantemente, no entanto, os mesmos ressaltam que quando vão para casa, quer seja durante a semana, quer seja durante o fim de semana, se sentem sozinhos, não tendo companhia para a ocupação dos tempos livres. Em determinados casos, os utentes têm companhia em casa, no entanto preferiam o grupo do Centro de Dia (notas de campo da investigadora).</i></p> |

| | |
|---|---|
| <p>Acomodação ligada ao processo natural de envelhecimento</p> | <p>O envelhecimento está adjacente ao processo natural de vida, e a sua aceitação não é de bom grado, levando assim a uma acomodação do seu processo de envelhecimento, dado que quando não conseguem suprir determinada situação tendem a caricatura-la, extravasando-a com risos de desconsolo, ou usando expressões harmoniosas que pautam a desarmonia da vida (Pais, 2006).</p> <p><i>E.G.: No grupo em questão não há uma aceitação, por parte de qualquer utente, do processo de envelhecimento, apenas a acomodação. No entanto, apesar dessa acomodação, os mesmos tendem a praticar frequentemente exercício físico (notas de campo da investigadora).</i></p> |
| <p>Gestão de conflitos e emoções</p> | <p>O relacionamento com o grupo é de veras difícil dado o vasto conjunto de personalidades díspares, tendo que haver um trabalho no relacionamento interpessoal com o grupo.</p> <p>Nota-se que se traduz num distanciamento por relacionamentos superficiais, em que não dar muita confiança é uma estratégia defensiva contra possíveis conflitos que possam surgir, em interação com o outro, e despoletar conseqüentemente o não controlo das emoções. Gerir as emoções torna-se difícil quando as recordações vêm ao de cima, porque ninguém ou nada, deixa de existir na lembrança da sua memória, e até o mais ínfimo recanto se torna um museu de recordações outrora presentes. (Pais, 2006).</p> <p><i>E.G.: O grupo tem dificuldades na gestão de conflitos e emoções que é frequente. Quando ocorre uma situação de conflito os mesmos tendem a dramatizar e a ridicularizar o outro (notas de campo da investigadora).</i></p> |
| <p>Comunicação do grupo</p> | <p>Dado a difícil gestão dos conflitos e das emoções, a comunicação do grupo acaba por se demonstrar quase nula, e quando ocorre os ânimos quase sempre ultrapassam o limiar.</p> <p>A mesma, só flui quando há a ocorrência de atividades, ou quando é dinamizada, sendo que a companhia predileta para combater os momentos de silêncio é a televisão. Quando a televisão não é boa companhia, e dada esta dificuldade de comunicação em grupo, é frequente que procurem o relacionamento preferencial com entidades divinas (Santos, Deus, Nossa Senhora), uma vez que estes não colocam entraves ao convívio, estando sempre disponíveis e sem julgamentos (Pais, 2006).</p> <p><i>E.G.: Dado a ocorrência de conflitos grupais a comunicação não ocorre, apenas em momentos estritamente necessários, e essencialmente quando se necessita do outro (notas de campo da investigadora).</i></p> |

Tabela 3 - Principais necessidades identificadas

A inserção nas respostas sociais ocorre maioritariamente por iniciativa de familiares ou negociação com os mesmos para que não vivam sós, ou pela própria decisão dos mesmos para não se constituir como uma sobrecarga para os cuidadores. Esta tensão produz nos idosos um sentimento de insegurança e desconforto, ao darem-se conta que a desejada proximidade afetiva é facilmente descartável. Conseqüentemente, a atenção pelo outro é

colocada de parte e o eu egocêntrico surge à tona, não levando em consideração que o outro possui sentimentos, devido a uma tentativa de inserção numa vida comunitária que lhes é estranha (Pais, 2006).

4.1.2. *Análise Documental*

A análise documental permitiu efetivar o que já havia sido anotado como necessidades do contexto em causa, possibilitando o estudo de documentos com o intuito de compreender as situações sociais e/ou económicas inerentes.

Além do uso de documentos para a pesquisa que acarreta riqueza de informações, a mesma complementa a entrevista, corroborando e fidelizando outros dados e informações obtidas.

A análise documental foi realizada a documentos presentes no seio do Centro Social de Gião, institucionais, bem como à plataforma *Ankira* que contempla os dados pessoais dos utentes, registos de ocorrências, de alimentações e medicações, e explanação de atividades.

A análise e pesquisa documental consiste no exame de inúmeros materiais, na procura de outras interpretações ou informações que contemplem a existente (Guba & Lincoln, 1981, citado por Kripka, Scheller & Bonotto, 2015).

4.1.3. *Conversas Informais*

As conversas informais com os utentes idosos, os técnicos que compõem a equipa e a educadora de infância permitiram, numa fase inicial, compreender quais as necessidades do contexto que estes identificavam, auxiliando a investigadora na definição das prioridades.

Não obstante da importância das conversas tidas com os técnicos e a educadora de infância, as preocupações dos utentes foram sobrevalorizadas comparativamente com as restantes, dado a investigadora considerar que como o grupo de idosos iria ser um dos principais focos da investigação, dever-se-ia ter em consideração as sugestões dos mesmos.

No campo social existem necessidades bastante diversificadas, e nem sempre se torna fácil a identificação das mais urgentes. Tal exige ao trabalhador social uma grande capacidade de diferenciação, de averiguação e de investigação a fim de identificar com precisão as prioridades (Serrano, 2008).

Alguns autores, tais como Kaufman (1972), citado por Serrano (2008), referem que “as necessidades poder-se-iam priorizar com base na relação existente entre o custo que suportaria a resolução da necessidade (custo económico, organizativo, de tempo) e o custo derivado de não o resolver (custo formativo, didático)”.

Com base nos critérios de Pérez Juste (1992), citado por Serrano (2008), deve-se ter em consideração a relevância, a rendibilidade, e imediatez, a eficácia, a responsabilidade, o interesse e as expetativas pessoais. Assim, e tendo por base o referido anteriormente, as prioridades cingem-se às atividades intergeracionais, pressupondo assim a supressão/auxílio na solidão, na gestão de conflitos e emoções, na comunicação em grupo, na atenção pelo outro e no outro como pessoa com sentimentos, na possível melhoria de qualidade de vida e o alcance da felicidade.

A escolha desta prioridade deve-se ao facto de a mesma ser capaz de desencadear transformações ao nível das outras necessidades identificadas anteriormente, e que também acarretam importância na vida dos utentes, porque devemos caminhar, não ao encontro de uma única solução para um determinado problema, mas à procura de soluções alternativas, múltiplas e diversificadas (Serrano, 2008).

E é neste pensamento que se deve atuar, provocando mutações nas dinâmicas institucionais, e no seio familiar, assentando no projeto em vigor “Ser + felicidade”.

4.2. Planificação

O projeto “Ser + felicidade” incorpora um vasto conjunto de atividades intergeracionais que se integram no Plano Anual de Atividades 2017/2018 cujo principal objetivo se prende essencialmente com a promoção da qualidade de vida dos utentes do Centro de Dia em questão através da implementação de atividades intergeracionais, com vista, igualmente, ao alcance de posteriores objetivos propostos, tais como a promoção da felicidade, o combate a fenómenos de exclusão/segregação social, a contribuição para a mudança da perspetiva negativista, a capitalização do valor educativo da

intergeracionalidade para mudança de rotinas, a compreensão da relação entre a intergeracionalidade e o comportamento do idoso e a criação de estratégias de intervenção no idosos de modo a promover o seu maior envolvimento.

Neste sentido elaborou-se quadros que comportam as informações fulcrais referentes às atividades implementadas ao longo do ano letivo, respetivamente:

- “Os avós vão à creche”;
- “Dia Mundial do idoso”/”Dia Mundial da Música”;
- “Desfolhada”;
- “Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza”;
- “Dia Mundial do Cinema”;
- “Dia Europeu da alimentação e da cozinha saudáveis – vamos fazer biscoitos”;
- “Dia de S. Martinho”;
- “Feirinha de Natal”;
- “Dia da bolacha”;
- “Festa e Almoço de Natal”;
- “As Janeiras”
- “Confeção de fogaças”;
- “Desfile de Carnaval”;
- “Dia da Nutella”;
- “Dia dos Afetos”;
- “Dia Nacional dos Animais”;
- “Danças de roda”;
- “Dia do beijo”;
- “Vamos a cortes”;
- “Dia de não usar sapatos”;
- “Dia Internacional da Família”;
- “Dia de fazer bolos”;
- “Dia do abraço”;
- “Arraial de S. João”;
- “Dia Mundial dos Avós”.

| SETEMBRO 2017 | | | | | |
|--------------------|------------------------|---|--|---|---------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Os avós vão à creche” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover a comunicação intergeracional; - Proporcionar momentos de interação entre os idosos e as crianças; - Promover a partilha de conhecimentos. | A atividade "os avós vão à creche" consiste em levar os idosos à creche (sala de 2 anos), proporcionado os momentos de interação entre os dois grupos, e promovendo o brincar com os avós, e vice-versa. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa; - Recursos físicos (sala). | 1 hora |

Tabela 4 - Atividades setembro 2017

| OUTUBRO 2017 | | | | | |
|--------------------|---|--|---|---|---------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Dia Mundial do Idoso” / “Dia Mundial da Música” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover as relações pessoais e entre as gerações; - Despertar sensações através da música. | A atividade consiste na comemoração do dia internacional da música e consequentemente do dia internacional do idoso, com recurso a instrumentos musicais. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Desfolhada” | <ul style="list-style-type: none"> - Valorizar e enfatizar as tradições e os costumes; - Estabelecer relações de afeto entre crianças e idosos do centro de dia; - Promover a partilha de conhecimentos e de sentimentos. | A atividade consiste na desfolhada em conjunto com a creche. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 3 | “Dia internacional para a erradicação da pobreza” | <ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar a população para a problemática da pobreza; - Incluir a comunidade local na dinamização de atividades. | A atividade consiste na preparação dos materiais para a recolha de bens alimentares em conjunto com a creche. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 5 - Atividades outubro 2017

| NOVEMBRO 2017 | | | | | |
|--------------------|---|--|--|---|---------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | Dia Mundial do Cinema | <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar um filme como instrumento de reflexão; - Desenvolver a capacidade de observação crítica. | A atividade consiste na visualização de um filme em conjunto com a creche, com vista ao alcance de uma moral no final. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | Dia europeu da alimentação e da cozinha saudáveis – vamos fazer biscoitos | <ul style="list-style-type: none"> - Promover o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis; - Identificar hábitos alimentares; - Desenvolver a educação alimentar. | A atividade consiste na confeção de biscoitos saudáveis. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 3 | “Dia de S. Martinho” | <ul style="list-style-type: none"> - Relembrar a mocidade à fogueira; - Promover a realização de atividades intergeracionais; - Proporcionar a partilha de conhecimentos e tradições. | A atividade consiste num arraial de S. Martinho. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 6 - Atividades novembro 2017

| DEZEMBRO 2017 | | | | | |
|--------------------|---------------------------|---|--|---|---------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Feirinha de Natal” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover a motricidade fina e grossa; - Proporcionar a realização de atividades em conjunto com as crianças; - Proporcionar a criação de artesanato; - Fomentar a autoestima e a criatividade. | A atividade consiste na montagem e venda de artigos realizados pelos utentes e crianças. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Dia da bolacha” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover o trabalho em grupo; - Proporcionar a partilha de conhecimentos entre crianças e idosos, e vice-versa; - Promover a motricidade fina; | A atividade consiste na confeção de bolachas de Natal, com os respetivos efeitos. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 3 | “Festa e almoço de Natal” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover o convívio intergeracional; - Proporcionar ligação com a época natalícia; - Promover a responsabilidade na decoração do espaço. | A atividade consiste na dinamização da festa de Natal, com recurso a teatro e no respetivo almoço de convívio. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 7 - Atividades dezembro 201

| JANEIRO 2018 | | | | | |
|--------------------|-----------------------|---|---|---|---------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “As Janeiras” | <ul style="list-style-type: none"> - Recorrer à tradição como forma de convívio intergeracional; - Fomentar a transmissão de costumes; - Promover a interação. | A atividade consiste na cantoria das janeiras em comemoração do dia dos Reis. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Confeção de fogaças” | <ul style="list-style-type: none"> - Valorizar as tradições do nosso concelho; - Vivenciar o dia das fogaceiras; - Confeccionar fogaças. | A atividade consiste na confeção de fogaças em conjunto com a creche. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 8 - Atividades janeiro 2018

| FEVEREIRO 2018 | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|--|---|---|----------------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Desfile de Carnaval” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover o aumento da autoestima; - Proporcionar momentos de convívio com a comunidade; - Lembrar e reviver a tradição do Carnaval; - Lembrar a mocidade; - Estimular a interação comunitária. | A atividade consiste na realização de um desfile de Carnaval institucional nas ruas em redor do Centro Social em questão. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Dia da Nutella” | <ul style="list-style-type: none"> - Experienciar novos sabores; - Lembrar a mocidade e as histórias ligadas ao chocolate; - Fomentar a criatividade na criação de receitas. | A atividade consiste no trabalho das partes olfativas e desgustativas no que concerne à nutella, mas igualmente de outros sabores (mel, açúcar, sal, água, sumo de laranja, canela, limão). | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 3 | “Dia dos Afetos” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover relações de afeto; - Promover a intergeracionalidade; - Lembrar os tempos dos namoricos à janela; - Recordar e discutir sobre as cartas de carinho. | A atividade consiste na confeção de corações em cartolina e no desenho de algo que lhes tenha um significado afetuoso. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 9 - Atividades fevereiro 2018

| MARÇO 2018 | | | | | |
|--------------------|----------------------------|------------------------------|---|---|----------------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Dia Nacional dos Animais” | - Desenvolvimento emocional. | A atividade consiste no contacto com animais de estimação, bem como a recordação de animais de estimação que já não existem. | - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Danças de roda” | - Coordenação motora. | A atividade consiste na dinamização de uma dança de roda, com intuito de os mais velhos auxiliarem sempre os mais novos na sua concretização. | - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 10 - Atividades março 2018

| ABRIL 2018 | | | | | |
|--------------------|--------------------------|---|---|---|----------------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Dia do Beijo” | <ul style="list-style-type: none"> - Sensação de bem-estar; - Exercitar os músculos; - Melhorar a autoestima. | A atividade consiste na transmissão de “beijos” ao grupo de idosos e crianças, e no conto de uma história alusiva ao dia. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Vamos a cortes” | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências de sensibilidade; - Desenvolver competências de precisão. | A atividade consiste no corte de folhas, com vista a ensinar os mais novos como pegar na tesoura e proceder ao corte. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 11 - Atividades abril 2018

MAIO 2018

| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
|--------------------|--------------------------------|--|---|--|----------------|
| Atividade 1 | “Dia de não usar sapatos” | <ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar momentos de descontração e de animação; - Promover a discussão grupal; - Enaltecer a importância das histórias antigas; - Promover a intergeracionalidade. | A atividade consiste num jogo (sem sapatos), em que os participantes têm que “calçar” pés em cartão com diferentes texturas, ressaltando o que lhes faz lembrar. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
| Atividade 2 | “Dia internacional da família” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover momentos em família; - Proporcionar a intergeracionalidade; - Enaltecer o papel das famílias. | A atividade consiste num lanche em família (idosos, crianças e respetivos familiares de ambas as partes), com jogos à mistura (acerta no alvo, bolas de cores, elásticos...). | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa; - Familiares. | 1 hora |
| Atividade 3 | “Dia de fazer bolos” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover a discussão em grupo; - Alertar para as consequências da hipertensão; - Proporcionar a aprendizagem de culinária saudável; - Promover a partilha de conhecimentos; - Enaltecer a imaginação e os truques culinários; - Proporcionar momentos intergeracionais. | A atividade consiste na confeção de um bolo (de laranja). | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

| | | | | | |
|--------------------|-----------------|--|--|---|--------|
| Atividade 4 | “Dia do abraço” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover o carinho; - Proporcionar momentos de intergeracionalidade; - Enaltecer a importância do abraço no outro. | A atividade consiste em oferecer abraços a toda a instituição. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |
|--------------------|-----------------|--|--|---|--------|

Tabela 12 - Atividades maio 2018

| JUNHO 2018 | | | | | |
|--------------------|--------------------------|--|--|---|----------------|
| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
| Atividade 1 | “Arraial de S. João” | <ul style="list-style-type: none"> - Promover a partilha de conhecimentos; - Proporcionar a intergeracionalidade; - Enaltecer a importância dos convívios entre gerações díspares; - Incentivar à criatividade para a decoração do espaço. | A atividade consiste num arraial, com música (danças de roda), sardinhas e broa à mistura. | <ul style="list-style-type: none"> - Utentes do Centro de Dia; - Crianças da Sala de 2 anos; - Animadora Sociocultural; - Educadora de Infância; - Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 13 - Atividades junho 2018

JULHO 2018

| | Nome da atividade | Objetivo da Atividade | Descrição | Recursos Humanos e Materiais | Duração |
|--------------------|--------------------------|--|---|---|----------------|
| Atividade 1 | “Dia Mundial dos Avós” | <ul style="list-style-type: none">- Valorizar os laços familiares;- Enaltecer o papel dos avós nas famílias e a sua evolução;- Enaltecer a figura dos avós aliada ao conhecimento;- Promover a intergeracionalidade;- Promover a partilha de conhecimentos entre gerações. | A atividade consiste no conto de histórias direcionadas para os “avós”, e na consequente lembrança em conjunto. | <ul style="list-style-type: none">- Utentes do Centro de Dia;- Crianças da Sala de 2 anos;- Animadora Sociocultural;- Educadora de Infância;- Auxiliar de ação educativa. | 1 hora |

Tabela 14 - Atividades julho 2018

4.3. Execução

4.2.1. Descrição da Execução do Plano de Atividades Geral

O Centro de Dia do Centro Social de Gião no ano letivo de 2017/2018 seguiu um plano de atividades desenvolvido a pensar no bem-estar do idoso associado à participação ativa em todas as atividades propostas.

Essas atividades são de tipologias diferenciadas, abarcando as lúdico-recreativas, as culturais, as espirituais/religiosas, as intelectuais/formativas, as sociais e as desportivas. Durante o decorrer das semanas as atividades implementadas eram diversificadas, sendo inicialmente desenvolvidas meramente na parte da manhã, passando a ocorrer igualmente do período da tarde no mês de março de 2018. O maior rol de atividades levadas a cabo eram de cariz lúdico-recreativo ligadas ao entretenimento e com vista à promoção da aprendizagem, da criatividade, da estimulação multissensorial e intelectual do idoso, e acima de tudo da satisfação das suas necessidades, com duração entre a 1h e as 2h, dependendo do desenvolvimento e envolvimento dos utentes, mas igualmente de situações que não careciam do nosso controlo.

As **atividades espirituais/religiosas** (e.g.: ir à missa, rezar o terço na capela) eram realizadas todos os dias, sem exceção, no período da manhã, durante aproximadamente 45 min., no qual os utentes se deslocavam à capela existente no edifício e dinamizavam a reza durante esse tempo, delegando uma pessoa que tomaria as rédeas da atividade.



Figura 7 - Atividades Religiosas

Relativamente às **atividades desportivas** (e.g.: jogar *boccia*, caminhadas, ginástica,

jogos/campeonatos
séniores), estas
desenvolviam-se com



Figura 8 - Atividades Desportivas

alguma frequência, de modo a colmatar as dificuldades que surgem nesta fase da vida, usando sempre como recurso materiais da sala de fisioterapia existente no Centro Social e outros desenvolvidos pelos próprios utentes, levando a uma duração aproximada de 1h de exercícios, alternados, e adequados sempre a cada utente com base nas suas limitações, não esquecendo da necessidade de as tentar ultrapassar. Mais se acrescenta que uma tarde por semana um professor de educação física vinha dar uma aula aos utentes, com igual duração de 1 hora. Salienta-se que em determinados casos, quando se verificava a necessidade de um treino, por parte dos utentes, o mesmo era levado a cabo sem restrições, com duração aproximada de 30 min.

No que concerne às **atividades intelectuais/formativas** (e.g.: palavras cruzadas, sopa de letras) estas decorreram com menor frequência, dado não apenas a falta de instrução por parte de alguns utentes, mas igualmente o desinteresse demonstrado por estas tipologias (*“o idoso ou a população sénior, normalmente é muito resiliente e muito resistente perante todas as atividades”* – testemunho da coordenadora). Não obstante, os mesmos tinham consciência que as mesmas eram implementadas independentemente das opiniões negativas, que ao posterior se tornaram positivas.



Figura 9 - Atividades intelectuais/formativas

As **atividades culturais** (e.g.: canto, dança, teatro), **sociais** (e.g.: comemoração de festividades, intergeracionalidade, Matinés) e **as lúdico-recreativas** (e.g.: costura, dominó, cartas, trabalhos manuais, ver televisão) já acima descritas, eram as que despoletavam maior interesse por parte dos utentes, nas quais os mesmos se sentiam capazes de transmitir aos mais pequenos saberes e conhecimentos, acabando por terem um papel de educadores no momento da atividade. A escolha das atividades intergeracionais descritas nos quadros apresentados acima dizem respeito, essencialmente, à comemoração de datas festivas, levando a que o utente se sinta mais integrado na transmissão de costumes e tradições.



Figura 10 - Atividades Culturais



Figura 11 - Atividades Sociais



Figura 12 - Atividades Lúdico-Recreativas

O desenvolvimento das atividades desde setembro até ao seu término nem sempre foi favorável, ocorrendo picos de participação e de interação, na medida em que inicialmente a implementação de atividades constantes era vista como uma imposição que alteraria totalmente as suas rotinas. Numa fase inicial, em setembro, optou-se

apenas pela atividade “os avós vão a creche” como técnica de conhecimento intergrupais, e adaptando a visita, que normalmente é realizada pelas crianças ao centro de dia, e neste caso foi realizada de forma contrária (“*...apesar que nós cada vez mais vemos que os nossos idosos gostam muito destas atividades intergeracionais, de conviver com as crianças porque lembram-se dos netos, dos filhos, dos bisnetos*” – testemunho da coordenadora). Esta técnica foi levada a cabo a fim de tentar transmitir ao grupo que a dinamização de atividades quer sejam intragrupais, quer sejam intergrupais, tem impactos positivos no dia-a-dia dos mesmos (“*faço de conta que eles são os netinhos da gente*” “*os meus netinhos, eu adoro os meus netos...são bisnetos já*” – testemunhos de utentes idosos).

Com o avançar dos meses e a implementação de atividades de diferenciadas tipologias, a participação começou a crescer gradualmente, havendo um aumento significativo até atingir todo o grupo de seniores, usando como recursos estratégias que possibilitassem o maior envolvimento do grupo (“*uma das estratégias é colocar o idoso a dinamizar a atividade*” – testemunho coordenadora). “Para um velho não há dúvidas de quem vai tombar neste ou naquele confronto! Às vezes um sorriso desmonta discursos inteiros, naquele minuto em que, ao seu lado, irrequieto e distante, está o jovem neto, que remotamente se apercebe de quanto sabedoria trazem aqueles cabelos branco.” (Carvalho, 2012).

Tal evolução foi visível que os seniores começaram a deslocar-se, durante todas as manhãs, à Creche para dar os “bons dias” às crianças (“*vou lá visitá-los*” “*se eu não os vir um dia o dia já não se passa para mim*” – testemunhos dos utentes idosos).

As interações entre os grupos díspares começaram a ocorrer com mais frequência, no entanto nem sempre durante a estipulação e delimitação das atividades acima propostas, por opção do grupo em causa (“*vêm ver os idosos*” – testemunhos dos utentes idosos).

O papel desempenhado pelos utentes no dia-a-dia, no Centro Social, durante o decorrer das atividades intergeracionais, é o reflexo da vida familiar, na medida em que espelha as relações que os mesmos mantêm com as camadas mais jovens, nomeadamente netos e bisnetos, dependendo dos casos (“*gosto dos meninos como que sejam meus netinhos*” – testemunhos dos utentes idosos). Não obstante, tal apenas é perceptível com base num conhecimento individual profundo e da observação participante em todos os

momentos em que haja interação familiar e interação grupal, a fim de compreender as atitudes levadas a cabo pelo grupo alvo (*“Meninos para mim... eu tive muitos, mas gosto deles todos” “Eu gosto deles porque também tenho dois netinhos e eles não falam para mim... é como os meus netos para mim” “Quando eu tinha o meu neto...eu criei-o”* – testemunhos dos utentes idosos).

A criação de uma ligação emocional foi inevitável, acabando por ter tantos pontos positivos quando negativos, na medida em que alguns dos idosos que vivem solitários e que não tem contacto frequente com os netos, quando termina o horário de funcionamento do Centro de Dia, encontram-se sem qualquer interação na sua própria casa, o que é o contraste do verificado durante o dia. Não obstante, as interações que são frequentes acarretam uma bagagem de conhecimento dos mais novos por parte dos idosos, possibilitando-os uma aproximação, quando justificada, dos seus netos de sangue (*“eles começam a se familiarizar de verem uma criança e quando, mesmo esporadicamente, o neto ou o bisneto só lhe vai fazer uma visita, ele não está ali só recetivo pelo própria visita, vai interagir, vai ele próprio perceber se a criança está bem, se quer brincar”* – testemunho coordenadora).

4.2.2. Descrição da Execução das Atividades Intergeracionais

Como já salientado, as atividades que comportam o Plano Anual de Atividades encontram-se explanadas na plataforma *Ankira*, descritas detalhadamente e avaliadas com base na sua realização e nos pressupostos e objetivos estabelecidos. Seguidamente estarão explanadas seis atividades das descritas acima nos quadros, no entanto de forma mais exaustiva e contendo a avaliação final após a sua implementação.

4.2.2.1. Atividade “Desfolhada”

Descrição:

A atividade decorreu no jardim exterior do Centro Social de Gião, cujo seu desenvolvimento se prendia com o desfolhe de espigas em conjunto com as crianças. Os utentes sentar-se-ão lado a lado com as crianças, intercalando com outra creche convidada.

O espaço foi preparado previamente com todos os elementos que se justifiquem necessários para a correta realização da atividade, em conjunto com elementos que compõem o Centro de Dia, incluindo os próprios utentes.

Objetivos:

- Valorizar e enfatizar as tradições e os costumes;
- Estabelecer relações de afeto entre crianças e idosos do centro de dia;
- Promover a partilha de conhecimentos e de sentimentos.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:

Recursos materiais:

- Máquina fotográfica (1);
- Trator (1);
- Bancos (20);
- Tapetes (4);
- Cestas (5);
- Espigas (250).

Recursos humanos:

- Utentes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

A atividade decorreu dentro de todas as conformidades, notou-se um envolvimento bastante positivo entre ambas as gerações, notando-se não apenas um apoio e ensinamento por parte da geração mais velha, mas igualmente das gerações mais novas que percebiam que os utentes por vezes necessitavam de apoio. Em muitos casos as

crianças eram as próprias a chegarem espigas aos utentes dado estas se encontrarem fora do seu alcance.

Os utentes estiveram bastante ativos durante todo o decorrer da atividade, mostrando-se os próprios dinamizadores no que tocava ao ensinamento dos mais novos, ensinando costumes antigos dos quais vivenciaram ou lhes contaram, bem como cantigas e danças relacionadas com a época das desfolhadas.

O *feedback* posterior foi favorável, ressaltando a realização de atividades que lhes relembram os tempos de mocidade e que contemplem a junção da creche.



Figura 13 - Dinamização da atividade "Desfolhada"

4.2.2.2. Atividade "Dia de São Martinho"

Descrição:

A atividade "Dia de São Martinho" é a comemoração do Magusto, onde se assará castanhas, ao ar livre, no parque exterior do Centro Social de Gião, no qual se dinamizará o costume antigo que contempla a fogueira com moliço, que será apanhado em conjunto pelas duas valências nos locais próximos da Instituição.

A fogueira será preparada pelos utentes, com auxílio da técnica, bem como a colocação das castanhas e a sua retirada. Após as castanhas estarem assadas, os utentes juntamente com as crianças, e sempre com supervisão, terão oportunidade de retirarem as castanhas, com auxílio de um pau, da fogueira.

Por fim, haverá um momento em que dará lugar às músicas, desde o início até ao término da atividade, referentes ao Magusto, e ensaiadas previamente.

Objetivos:

- Lembrar a mocidade à fogueira;
- Promover a realização de atividades intergeracionais;
- Proporcionar a partilha de conhecimentos e tradições.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:

Recursos materiais:

- Moliço (3 sacos);
- Castanhas (4Kg);
- Pau (1);
- Fósforos (1);
- Cartuchos (40);
- Bacia (2).

Recursos humanos:

- Utes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

Os utentes participaram ativamente na preparação e na dinamização de toda a atividade, sentindo-se todos capazes de integrarem a atividade sem quase nenhum apoio por parte

da técnica. Os mesmos referiam que nos seus tempos de mocidade o Magusto era realizado todos os anos sem exceção, havendo ainda o costume de saltar sob a fogueira enquanto as castanhas assavam.

A atividade deu lugar a todo o tipo de animação, desde cantos, danças, saltos e brincadeiras, deixando de lado as limitações de cada utente, e focando no “lado bom da vida”.

A interação com os mais novos foi notória, havendo o cuidado de retirada da casca da castanha e do apoio para o conhecimento dos costumes e das tradições.



Figura 14 - Dinamização da atividade "Dia de São Martinho"

4.2.2.3. Atividade “Festa e almoço de Natal”

Descrição:

A atividade decorreu no polivalente do Centro Social de Gião, em que a atividade junta o grupo pertencente ao mesmo, mas igualmente familiares, amigos, conhecidos e comunidade que pretendam juntar-se à festa.

Esta consiste na dramatização de um teatro relacionado com a Casa do Pai Natal e a substituição de um duende que se encontra adoentado. Durante o teatro três idosos apresentar-se-ão ao Pai Natal e mostrarão os seus dotes para ocuparem o lugar tão pretendido. Durante a dramatização os mesmos ainda irão interagir com as crianças para as mesmas também serem capazes de ajudar o Pai Natal na sua decisão tão complicada.

No final, em conjunto, cantar-se-á uma cantiga de Natal (“É Natal”) em conjunto, previamente ensaiada.

Objetivos:

- Promover o convívio intergeracional;
- Proporcionar ligação com a época natalícia;
- Promover a responsabilidade na decoração do espaço.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:

Recursos materiais:

- Máquina fotográfica (1);
- Folhas com guião (3);
- Gorros de Natal (20);
- Decoração relativa à época Natalícia;

Recursos humanos:

- Utentes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

A dramatização do teatro correu no seguimento dos guiões elaborados e ainda teve alguns acréscimos improvisados, que se revelaram adequados à peça em questão, dando ainda mais entusiasmo ao público que se encontrava em parte incrédulo com a prestação do grupo.

Houve uma grande interação com o público mais jovem, que acabou por auxiliar o Pai Natal na decisão da escolha do novo duende, dado que os mesmos ressalvavam que queriam prendas.

Os utentes que participaram mais ativamente na peça mostraram-se todos capazes da tarefa desempenhada, independentemente da falta de instrução que se fazia sentir. Nos dias anteriores à apresentação os mesmos encontravam-se afincadamente na decoração dos guiões, pedindo auxílio quando a necessitavam.

Notou-se uma grande união de todo o grupo, incluindo os mais jovens, originando o sucesso da atividade.



Figura 15 - Dinamização da atividade "Festa e Almoço de Natal"

4.2.2.4. Atividade "Confeção de Fogaças"

Descrição:

A atividade consiste na comemoração da Festa das Fogaceiras, celebrado em Santa Maria da Feira, através da confeção de pequenas fogaças.

O Dia das Fogaceiras é celebrado graças a um mártir cujo nome é S. Sebastião, que face as terras de Santa Maria da Feira terem sido assoladas por uma peste, o povo prometeu oferecer ao santo um pão doce todos os anos, que se intitula de Fogaça.

A atividade decorrerá na sala de estar do Centro de Dia, em que serão preparas duas mesas com os ingredientes necessários para a sua confeção. A sala juntará idosos e crianças com vista ao ensinamento da confeção da fogaça por parte das gerações mais velhas, sempre com auxílio dos mais jovens.

Objetivos:

- Valorizar as tradições do nosso concelho;
- Vivenciar o dia das fogaceiras;
- Confeccionar fogaças.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:**Recursos materiais:**

- Farinha (2Kg);
- Açúcar (1Kg);
- Canela (1);
- Bacias (2);
- Tabuleiros (2);
- Forno (1);
- Prata (1);
- Laranja (2);
- Fermento (1);
- Água;
- Faca (1).

Recursos humanos:

- Utentes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

A atividade teve um bom desenvolvimento, havendo a preocupação constante dos utentes face ao bem-estar das crianças dado a quantidade de farinha e massa que os mesmos tinham em sua posse, tendo algum receio com a sujidade da roupa.

Houve uma grande entreaajuda no ensinamento da confeção da massa das fogaças, no entanto na parte do amasse e da sua construção foi necessária a ajuda dos técnicos dado os utentes ressalvarem que a força já não é a mesma e as tremuras não ajudavam na sua elaboração.

Não obstante, no final da sua construção os mesmos pegaram numa tesoura e golpearam as fogaças duas vezes para quando for ao forno, ao crescer, apareçam as quatro torres do Castelo de Santa Maria da Feira.



Figura 16 - Dinamização da atividade "Confeção de Fogaças"

4.2.2.5. Atividade “Desfile de Carnaval”

Descrição:

A atividade do Desfile de Carnaval consiste numa ida ao exterior com as crianças da creche, mascarados com fatos realizados pelos próprios utentes, e percorrer as ruas da localidade.

A saída contará com cantos, serpentinas e confetes.

Durante todo o percurso os utentes acompanharão as crianças, desenvolvendo uma marcha lenta.

Objetivos:

- Promover o aumento da autoestima;
- Proporcionar momentos de convívio com a comunidade;
- Relembrar e reviver a tradição do Carnaval;
- Relembrar a mocidade;
- Estimular a interação comunitária.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:

Recursos materiais:

- Disfarces de abelhas;
- Máquina fotográfica;
- Confetes;
- Serpentinhas.

Recursos humanos:

- Utentes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

A atividade decorreu muito bem, havendo sempre um envolvimento positivo por parte de todos os utentes, apesar de algumas adversidades.

Numa fase inicial, quando se tratava de colocar os disfarces (abelhas) aos utentes um deles referiu que já não pretendia aquele disfarce, e que apenas participaria no desfile se fosse disfarçado de polícia de trânsito. Tal situação foi contornada ao colar o símbolo da “PSP” nas costas.

Face o sucedido procedeu-se ao início do desfile, no qual o polícia foi à frente do desfile de forma a abrir o caminho para o restante grupo. Durante todo o desfile houve a

cantoria de músicas ligadas ao Carnaval, essencialmente brasileiras, com chuva de confetes e serpentinas.

As crianças estavam um pouco desorientadas dado estarem fora do ambiente natural, pelo que os utentes se prontificaram no auxílio durante todo o percurso.



Figura 17 - Dinamização da atividade "Desfile de Carnaval"

4.2.2.6. Atividade “Vamos a cortes”

Descrição:

A atividade consiste na aprendizagem das crianças a pegar numa tesoura e a recortar papel, com o auxílio do idoso.

Cada criança, três de cada vez – uma por cada técnica/auxiliar -, juntamente com um idoso, irá aprender em conjunto como proceder à colocação da mão de forma correta para o possível corte de uma folha de papel.

Á posterior, com os papéis recortados, as crianças aprenderão a colagem.

Objetivos:

- Desenvolver competências de sensibilidade;
- Desenvolver competências de precisão.

Duração: aproximadamente 1 hora

Recursos:**Recursos materiais:**

- Tesouras (6);
- Panfletos (20);
- Máquina Fotográfica.

Recursos humanos:

- Utentes do Centro de Dia;
- Crianças da sala de 2 anos;
- Animadora Sociocultural;
- Educadora de Infância;
- Auxiliar de Ação Educativa.

Avaliação:

A atividade decorreu de forma favorável, independentemente das dificuldades de transmitir aos mais novos a forma mais correta de procederem à pega de uma tesoura e ao seu conseqüente corte.

Os utentes inicialmente demonstraram alguma dificuldade, dado terem igualmente algum receio de as crianças se magoarem ao tentarem aprender a técnica.

Após a passagem desse pequeno medo, os utentes foram capazes, sem apoio técnico, de auxiliarem a criança na pega correta, corrigindo-os diversas vezes até conseguirem golpear o papel.

No final todas as crianças foram capazes de recortar os papéis, tornando os utentes bastante felizes por serem capazes de ensinar algo que consideram básico aos mais novos, mas que na realidade acaba por se tornar complexo não apenas para quem aprende, mas igualmente para quem ensina.



Figura 18 - Dinamização da atividade "Vamos a cortes"

4.3. Avaliação

“O papel da Animação Sociocultural no Centro Social de Gião deve atender ao público alvo e às suas necessidades, ou contribuir para a minimização ou erradicação das suas carências, através de um conjunto de atividades de carácter ocupacional” (entrevista à Coordenadora do Centro de Dia).

A planificação do projeto em causa partiu das necessidades, identificadas previamente, do grupo de idosos em questão, com vista a repercussões diretas, mas igualmente indiretas.

Deste modo, durante a implementação das atividades houve uma avaliação constante, a fim de compreender não apenas o impacto que estavam a ter na vida dos utentes, mas igualmente a pertinência de adaptação das mesmas, ao grupo ou apenas a uma parte do grupo. Tal adaptação ocorreu, mesmo durante a implementação de uma atividade, dado se ter que adaptar determinada atividade com base na pouca aderência do grupo ou no pouco impacto que estaria a causar ao utente.

A observação foi uma constante, bem como conversas informais durante o dia-a-dia com os utentes.

O impacto do projeto teve repercussões bastante positivas, sendo visíveis durante todos os meses de implementação. As visitas à creche por parte dos idosos e as atividades intergeracionais frequentes foram as impulsionadoras para a melhoria de qualidade de vida dos idosos, acabando as mesmas por se tornarem as principais causas benéficas (*“gostava deles aqui à minha beira, de brincar”* – testemunhos dos utentes idosos).

A diferença das atitudes no início do ano letivo comparativamente com as demonstradas nos restantes meses é bastante díspar, podendo haver uma afirmação positiva quanto ao impacto que a intergeracionalidade tem na vida do idoso, em especial com base no projeto “Ser + felicidade”, que acaba por afetar igualmente a vertente familiar e social, mas sobretudo, a qualidade de vida e o bem-estar do idoso, possibilitando uma melhor aceitação da condição (*“sou velho mas já fui como elas”; “são segundos netos”; “eles vem a mim, diz que eu que sou avó”* – testemunhos dos utentes idosos).

Com base na entrevista efetuada à atual Coordenadora do Centro de Dia em questão, e outrora animadora sociocultural no mesmo local, a mesma considera que as atividades intergeracionais acabam por ser fulcrais para o utente, tendo que ocorrer a implementação de estratégias que tornem o utente ativo, e capaz de partilhar com o outro o que faz parte do seu rol de conhecimentos.

Uma das estratégias levadas em consideração foi a colocação do utente idosos a dinamizar, sempre com supervisão, a atividade desenvolvida, de modo a ser o principal promotor da sua mudança (*“Uma das estratégias é sempre colocar o idoso a dinamizar a atividade, ou seja, ele próprio criar uma estratégia, ele próprio sentir-se capaz e ele próprio chegar lá, até ao impacto, até à empatia com a criança, e no momento da atividade”* – entrevista à Coordenadora do Centro de Dia).

O projeto mostrou-se viável para o grupo de idosos em causa, na medida em que impulsionou a integração dos idosos nas rotinas do Centro de Dia, em especial nas atividades de diversas tipologias.

A implementação do projeto “Ser + felicidade” tornou possível a dinamização de atividades que outrora eram consideradas infantis ou desapropriadas pelo próprio grupo

(E.G: *puzzles*, danças, pinturas, canto...). A ultrapassagem deste estereótipo ocorreu depois da fase de experimentação em conjunto com as crianças, no qual os utentes idosos começaram a interagir através das atividades propostas de modo a se tornarem os principais dinamizadores da atividade, com vista sempre à transmissão de conhecimentos, por mínimo que possa ser.

Inicialmente as atividades desenvolvidas no Centro de Dia eram vistas como impostas, não ocorrendo a participação desejada, no entanto após a implementação do projeto houve um maior envolvimento em toda a dinâmica institucional.

A Coordenadora do Centro de Dia considera que no que concerne ao Centro de Dia, “*o aspeto positivo prende-se com o facto de se tratar de um grupo com uma faixa etária pouco envelhecida, e que carece das mesmas necessidades/ problemáticas o que facilita a implementação do projeto/ atividades*”, levando a uma influência do grupo face à atitude tomada por determinado utente idoso.

Ou seja, quando a atividade apenas interessava a uma pequena parte do grupo, o restante sentia-se influenciado pela interação positiva e empenhada, levando a que todo o grupo se unisse para a concretização da atividade, gerando uma corrente positiva e empolgando-os para a próxima atividade.

Relativamente ao impacto no seio familiar, este apenas é visível quando ocorrem pequenas interações com familiares na instituição, não havendo dados suficientes para definir as mutações que ocorreram na família. No entanto, com base nas pequenas interações foi possível identificar diferentes discursos com o outro (familiar – criança), notando-se uma maior preocupação com o bem-estar da criança, e procurando sempre satisfazer as suas necessidades, mas igualmente brincar.

Na parte final da implementação do projeto, ocorreu uma reunião de balanço de forma pouco formal, pressupondo a gravação de pequenos vídeos, com vista à tentativa de desenrolar de uma conversa com os utentes idosos, a fim de ser possível uma recolha de dados mais fidedigna e atual.

Capítulo 5

Considerações finais

“A representação social de velhice, atualmente, aparece configurada em instituições especializadas em responder às necessidades da velhice, por sua vez, construídas na base do interesse de determinados campos” (Silva, 2006).

Além disso, a representação de velhice mostra-se como uma modelação do objeto, partindo dos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais. De referir também que ao categorizarmos os sujeitos pela idade, atribuímos-lhes grupos de pertença e, por consequência, levar a uma representação do estereótipo do grupo de idade (Silva, 2006). A velhice, no senso comum, relaciona-se com características negativas, em que a análise coloca uma visão estereotipada sobre os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos. Por outro lado, a nível político, a velhice é entendida como mais tardia, justificando-se com base na maior longevidade (Silva, 2006).

As políticas de proteção à velhice nascem com vista a dar resposta às camadas mais velhas, e essencialmente neste caso particular, o Centro de Dia de Gião têm vindo a desempenhar funções que por vezes acabam por “extravasar aquelas que são as nossas funções, para respondermos à causa social, prestando um cuidado próximo adequado à especificidade de cada utente e não apenas um cuidado assistencialista” (Entrevista realizada à Coordenadora do Centro Social de Gião).

A Animação Sociocultural visa auxiliar nesse cuidado mais próximo, contribuindo para o desenvolvimento bio-psico-social do utente através de atividades que promovam a criatividade, a afirmação pessoal e a inserção na comunidade (Pinheiro, 2016). Urgem assim as atividades intergeracionais que captam uma maior atenção por parte dos utentes, envolvendo camadas mais jovens num vasto conjunto de atividades, que promovem a celebração de datas comemorativas, mas igualmente o alcance de objetivos previamente propostos.

Não obstante, para o desenvolvimento de atividades há a necessidade de criação prévia de um Plano Anual de Atividades, que comporte “a principal dinâmica da Instituição, integrando propostas para o desenvolvimento de competências específicas, como além da calendarização de atividades comuns, define-se como um instrumento

regulamentador para a definição de estratégias, objetivos e atividades a promover e os recursos a utilizar” (Entrevista realizada à Coordenadora do Centro Social de Gião).

No ano que antecedeu esta intervenção (2016/2017), não existia Plano Anual de Atividades derivado do número reduzido de colaboradores, o que impossibilitava a definição de uma colaboradora para a função de Animadora Sociocultural. Não obstante, realizavam-se atividades semanais, sem foco principal na intergeracionalidade.

No decorrer do ano letivo de 2017/2018 foi possível a realização de um conjunto de atividades intergeracionais, com vista à posterior avaliação das mesmas e do impacto no grupo de amostragem.

As famílias acabam por ter um papel fulcral no impacto que as atividades intergeracionais têm no utente, sendo também visível para os técnicos que convivem com os utentes, a perceção da qualidade e da quantidade das trocas intergeracionais em contexto familiar e essencialmente a questão laboral dos familiares que influenciam as trocas intergeracionais no seio familiar. As mesmas nem sempre ocorrem com frequência, dado o referenciado acima, o que pressupõe uma falta de conhecimento quanto aos modos de agir dos netos/bisnetos, nascendo aqui a necessidade da intergeracionalidade nas respostas sociais à velhice, dado fornecer aos idosos uma aprendizagem quanto às crianças.

As ações e as reações que os utentes despoletam com a intensificação das atividades levadas a cabo no Centro Social é díspar das inicialmente visíveis aquando a primeira interação. Houve um maior envolvimento e interesse, por parte de ambos os grupos, face à dinamização de atividades que contemplem ambos no mesmo local.

As alterações que estão agregadas à última etapa do ciclo vital família integra transições ligadas ao envelhecimento, como sendo um processo novo. A reconstrução das relações com as gerações mais jovens, aliadas às mudanças subjacentes ao processo do envelhecimento, constrói-se como sendo desafios fundamentais às famílias (Figueiredo e Moser, 2013).

Dando resposta à questão de investigação colocada em primeira estância (*Qual o impacto da implementação de atividades intergeracionais na melhoria da qualidade de vida dos idosos Centro de Dia do Centro Social de Gião?*), o impacto foi bastante

favorável, sendo visível a sua evolução ao longo dos meses de implementação. As visitas e as atividades frequentes foram impulsionadoras na melhoria da qualidade de vida do idoso, acabando as mesmas por se tornarem as principais causas benéficas.

Quando se fala de qualidade de vida é referente igualmente à visão que o utente tem perante si e a sua condição, maioritariamente negativista e depreciativa, o que prejudica seriamente a qualidade de vida.

A diferença das atitudes no início do ano letivo comparativamente com as demonstradas nos restantes meses é bastante díspar, podendo haver uma afirmação positiva quanto ao impacto que a intergeracionalidade tem na vida do idoso, que acaba por afetar igualmente a vertente familiar.

Com base na entrevista realizada à atual Coordenadora do Centro de Dia em questão, e outrora animadora sociocultural no mesmo local, a mesma considera que as atividades intergeracionais acabam por ser fulcrais para o utente, tendo que ocorrer a implementação de estratégias que tornem o utente ativo, e capaz de partilhar com o outro o que faz parte do seu rol de conhecimentos. A mesma ainda ressalva a importância dos valores da solidariedade, da humanidade e da participação a serem tidos em consideração por todas as camadas que compõem a Instituição.

O Educador Social apresenta-se como um agente de mudança, que assume um papel de mediação e técnico de relação, na medida em que estabelece laços com a comunidade. Logo, face à exigência que é colocada ao educador, este deve possuir um vasto conjunto de capacidades pessoais e profissionais que lhe permitam o reconhecimento enquanto profissional (Arco, 2005, citado por Centro Social Renascer, 2011).

Ser educador exige, acima de tudo, uma capacidade de responsabilidade humana ao nível profissional, sendo uma formação que transcende o período académico. É um processo de permanente aprendizagem que exige a capacidade de aprender com cada atitude, comportamento e sabedoria adquirida nos diversos campos de atuação (Centro Social Renascer, 2011).

A competência de reflexão pressupõe que o Educador Social, em conjunto com a equipa, reflita acerca dos problemas de âmbito profissional a fim de uma melhor compreensão. O seu trabalho deve assim promover a igualdade, o respeito, a prestação

de atenção necessária à carência de cada um, o respeito e a proteção dos direitos do indivíduo, a privacidade e a autonomia (Santos, 2010).

É ainda importante referir que o Educador Social deve fazer uso da sua experiência e do seu saber a fim de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, das suas famílias e da comunidade (Santos, 2010).

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, L.S. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios (5ª Edição).
- Andrade, M. C. (2002), Políticas Sociais de Apoio aos idosos: o caso particular do concelho da Guarda, Covilhã.
- Araújo, A. O., & Oliveira, M. C. (1997). *Tipos de pesquisa*. Trabalho de Conclusão da Disciplina Metodologia de Pesquisa Aplicada a Contabilidade – Departamento de Controladoria e Contabilidade da USP. São Paulo.
- Araújo, L., Castro, J. & Santos, J. (2018). A família e a sua relação com o idoso: um estudo de representações sociais. *Psicologia em pesquisa*, 12 (2), pp.14-23.f
- Arruda, A. (2007). Reflexões sobre a pessoa idosa e o Programa Universidade da terceira idade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. 4(2), pp. 94-113.
- Azeredo, Z. (2011). *O idoso como um todo*. Viseu: PsicoSoma.
- Azevedo, S. (2011). *Técnicos Superiores de Educação Social: necessidade e pertinência de um estatuto profissional*. Porto: Fronteira de Caos.
- Barbosa, F. & Matos, D. (2008). *Cuidadores familiares dos idosos: uma nova realidade, um novo desafio para as políticas sociais*.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, A. (2014) – Animação Sociocultural: imprecisões, ambiguidades, incertezas e controvérsias de uma ocupação profissional. *Fórum Sociológico*. Nº25 (2014), p.1-22.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Campos, C. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Ver Bras Enferm*, vol. 5, pp. 611-614
- Cancela, D. (2007). O processo de envelhecimento. Acedido em março, 2018, em www.psicologia.com.pt.
- Carvalho, A. & Batista, I. (2004). *Educação Social: Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.

- Carvalho, R. Palavra de Sênior de Ruy de Carvalho. *Envelhecimento Ativo*. Novembro 2012.
- Centro Social Renascer (2011). *Educação Social: âmbitos e práticas*. Porto: Litogaia
- Congresso Catarinense de Assistentes Sociais, Florianópolis, 22 a 24 de agosto de 2013 – Envelhecimento e família: reflexões sobre a responsabilização familiar, os desafios às políticas sociais e a regulamentação da profissão de cuidadas de pessoa idosa. Brasil: Figueiredo, T & Moser, L., 2013.
- Costa, M., Agreda, J., Ermida, J., Cordeiro, M., Almeida, M., Cabete, D., Verríssimo, M., Grácio, E., Cruz, A. & Lopes, J. (1999). *O Idoso: Problemas e Realidades*. Coimbra: Formasau- Formação e Saúde, Lda.
- Dias, M. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica: o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, vol. 19, pp. 139-156.
- Fernandes, R. (2011). Representações sociais dos idosos acerca dos maus tratos. Acedido em março, 2018, em <http://hdl.handle.net/10400.14/8835>.
- Ferreira, F. (2008) As crianças e a comunidade: uma perspetiva intergeracional da educação. IV Congresso português de sociologia Universidade nova de Lisboa
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Censos 2011- resultados provisórios*. Lisboa.
- Kripka, R., Scheller, M. & Bonotto, D. (2015). Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD*, 14 (2), pp.55-73.
- Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal* (2ª edição). Chaves: Editorial Intervenção.
- Magro, C., Nunes, T. (2014). Recensão crítica. Acedido em http://www.cute.org.pt/PT/RECURSOS/recensao_critica.pdf
- Martins, A. (2015). Reflexões sobre A família e o idoso. *Revista Portal de Divulgação*. 45, pp.49-56.
- Monteiro, M. & Ferreira, P. (2012). *Ser Humano: Psicologia B 12º ano*. Porto: Porto Editora.
- Newman, S., Lyons, C. & Onawola, R. (1985). The development of an intergenerational service-learning program at a nursing home. *The Gerontologist*, 25 (2).
- Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília: Brasil.

- Pais, J. (2006). *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Ambar.
- Paula, G. & Espírito-Santo (s/d). *Representação social do idoso: discussões preliminares*.
- Pereira, F. (2012). *Teorias e práticas da gerontologia: um guia para cuidadores de idosos*. Viseu. Psicosoma.
- Reis, F. (2018). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos: guia prático*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Reis, I. (2012). *Intervenção Social com Famílias Multiproblemáticas: Diálogos entre a Sistémica e a Mediação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade das Ciências Humanas e Sociais – Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Santos, A. (2010). Perfil do Educador Social: experiências e reflexões. P@rtes a sua revista virtual. Acedido maio 20, 2017, em <http://www.partes.com.br/educacao/perfileducadorsocial.asp>
- Santo, P. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais: Génese, Fundamentos e Problemas*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Sequeira, S. (2013). *Animar para melhor envelhecer com satisfação*. (Dissertação de Mestrado). Acedido em Repositório Institucional do Instituto Politécnico de Castelo Branco (<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2065/1/TESEccapa.pdf>)
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais: Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, E. & Moinhos, R. (2010). *Animação Sociocultural: módulos obrigatórios*. Plátan Editora.
- Silva, M (2006). Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice: um estudo no Norte de Portugal. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silvestre, A. (2004). Desvio com Via Dupla: trabalho e drogas na construção de carreiras desviantes). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto, Portugal
- Trilla, J. (1997, 1998). *Animação Sociocultural: teorias, práticas e âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.
- Yin, R. (2010). *Estudo de caso – Planejamento e Métodos* (4ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

Anexos

Anexo 1 - Registo de entrevista

| Temas/Blocos | Objetivos | Questões |
|---|---|---|
| I - Legitimação da entrevista | Explicar a finalidade da entrevista | Apresentar os objetivos do estudo. Pedir autorização para gravar a entrevista. Assegurar a confidencialidade dos dados. |
| II - Papel da Coordenadora do CSG | Conhecer a experiência profissional da coordenadora no CSG | Há quanto tempo é coordenadora? Quais as suas funções? |
| III - Caracterização do CSG | Conhecer e caracterizar o CSG | Que valores/princípios defende para o Centro Social de Gião? Quais os aspetos positivos e negativos do Centro Social de Gião? Quais os aspetos positivos e negativos em cada valência do Centro Social de Gião? |
| | Conhecer o modo de elaboração do Plano de Atividades do CSG | Que importância confere à elaboração de um plano de atividades? Que atividades considera mais importantes para comportar no plano de atividades? Que atividades considera mais enriquecedoras para o bem-estar do idoso? |
| IV - Intergeracionalidade e a Animação Sociocultural | Conhecer a perceção relativamente à Animação Sociocultural | Como vê o papel da Animação Sociocultural no Centro Social de Gião? |
| | Conhecer o papel da Coordenadora | Qual a sua intervenção no papel da definição das atividades de animação sociocultural? |
| | Conhecer a intergeracionalidade no contexto do Centro Social de Gião | Que importância atribui à definição/elaboração de atividades intergeracionais? Quais as vantagens da criação de estratégias para a implementação das atividades com os mais novos? Que estratégias considera fulcrais para a aceitação do idoso às atividades intergeracionais? |
| V - Impacto na relação com a Família | Compreender as relações familiares a partir da implementação de atividades de cariz intergeracional | Considera que as atividades intergeracionais têm influência positiva no seio familiar? Em que sentido? A estrutura familiar tem impacto no modo como o idoso se relaciona com a criança? |
| VI - Agradecimento e conclusão da entrevista | Agradecer a participação na entrevista | Perguntar se tem algo mais que gostaria de acrescentar. Agradecer a participação na entrevista e no estudo. |

Entrevista

1. Há quanto tempo é coordenadora? Quais as suas funções?

R: Sou coordenadora há cerca de um ano. As minhas funções passam pela coordenação das duas respostas sociais afetas à terceira idade: SAD (Serviço de Apoio ao Domicílio) e CD (Centro de Dia), passando pela gestão das equipas/recursos humanos de acordo com as normas e regulamentos da Instituição, tomando decisões de responsabilidade dentro do poder de coordenação e reportando ao diretor técnico. Além das funções de gestão de recursos humanos, realizo o acolhimento e participo nos processos chave dos utentes, instituídos pelo manual da qualidade pelo Instituto da Segurança Social de Aveiro.

2. Que valores/princípios defende para o Centro Social de Gião?

R: *Solidariedade:* apoiar os utentes e a comunidade local na satisfação das suas necessidades, articulando com os diferentes parceiros para uma adequação dos serviços à comunidade.

Humanidade: prestação de cuidados com base nesta filosofia, levando a que cada recurso humano da nossa instituição, tenha presente o saber ser, inteligência emocional, altruísmo, afetividade e sensibilidade para com o outro quando presta um cuidado.

Participação: Participar e promover/ incentivar o envolvimento de todos nas atividades da instituição.

3. Quais os aspetos positivos e negativos em cada valência do Centro Social de Gião?

Relativamente ao Centro de Dia, o aspeto positivo prende-se com o facto de se tratar de um grupo com uma faixa etária pouco envelhecida, e que carece das mesmas necessidades/ problemáticas o que facilita a implementação do projeto/ atividades. O aspeto negativo é que apesar da resposta de centro de dia, apesar de possuir uma sala especializada de snoezelen e uma equipa preparada para atuar com as demências, não tem apoios/ protocolos com a rede local/ comunidade para dar apoio mais especializado e acessível aos utentes/ cuidadores.

O Serviço de Apoio Domiciliário ser gerido por uma plataforma informática "Ankira" é um aspeto positivo, uma vez que permite o registo diário e preciso, muito rápido e de

fácil acesso a equipa técnica, agilizando a forma de tratar uma ocorrência pela equipa técnica e permitindo um cuidado no momento ao utente por uma equipa multidisciplinar. Como aspeto negativo é o facto de se prestar apenas os cuidados em dois períodos do dia: uma vez de manhã e uma vez de tarde, durante a semana, e uma vez apenas de manhã ao fim de semana, o que não é suficiente para cuidadores que maioritariamente também já são idosas.

Por fim, a creche como aspeto positivo é ter uma equipa de colaboradores jovens e com auxiliares de ação especializadas na área da infância e da psicologia, e ser próxima de uma zona industrial o que assegura o rácio de crianças no preenchimento de vaga anualmente. Como aspeto negativo é ser uma creche com resposta até aos dois anos de idade, não dando como garantia o pré-escolar, levando a que os pais recorram a outras IPSS dotadas do pré-escolar, de forma assegurar a sua educação de forma contínua e sem recorrer a mudanças.

4. Quais os aspetos positivos e negativos do Centro Social de Gião?

R: Como aspeto negativo a sustentabilidade, ser uma instituição recente, com alguns encargos financeiros, em que muitas vezes os apoios financeiros são limitados.

Aspetos positivos é ser uma IPSS que mantém uma relação muito próxima com os utentes, e em que, muitas vezes acabamos por extravasar aquelas que são as nossas funções, para respondermos à causa social, prestando um cuidado próximo adequado a especificidade de cada utente e não apenas um cuidado assistencialista.

5. Que importância confere à elaboração de um plano de atividades?

R: Atribuo uma grande importância a elaboração de um plano de atividade, visto que este documento deriva de um projeto educativo² e é exposto neste mesmo, a principal dinâmica da instituição, integrando propostas para o desenvolvimento de competências específicas, como além da calendarização de atividades comuns, define-se como um instrumento regulamentador para a definição de estratégias, objetivos e atividades a promover e os recursos a utilizar.

² O Projeto Educativo dado ser documento Institucional não pode ser cedido para outros fins.

6. Como vê o papel da Animação Sociocultural no Centro Social de Gião?

O papel da Animação Sociocultural no Centro Social de Gião deve atender ao público alvo e às suas necessidades, ou contribuir para a minimização ou erradicação das suas carências, através de um conjunto de atividades de carácter ocupacional, de forma a:

- Contribuir para o desenvolvimento de hábitos de vida saudáveis;
- Auxiliar o indivíduo com vista à sua autonomia;
- Combater fenómenos de exclusão/segregação social;
- Promover a felicidade;
- Contribuir para a mudança de perspectiva negativista.

7. Qual a sua intervenção no papel da definição das atividades?

A Coordenadora SAD/CD carrega como função a de supervisionar e orientar o trabalho desenvolvido pela Educadora Social, auxiliando a mesma quando se verifique necessário ou quando solicitado. A Educadora Social detém a função de preparar, organizar, orientar e auxiliar as atividades dos utentes do centro de dia, levando a que os mesmos se sintam parte integrante de todo o grupo, com o auxílio da Ajudante de Ação Direta.

8. Que atividades considera mais importantes para comportar no plano de atividades?

R: Estimulação cognitiva, expressão plástica e artística, relaxamento e atividade física, estimulação social (momentos de lazer no exterior, promover o convívio entre idosos e outras faixas etárias, reforço de atividades familiares), intergeracionalidade (com o grupo da creche da instituição e com outras).

9. Que atividades considera mais enriquecedoras para o bem-estar do idoso?

R: As atividades que sejam direcionadas para a intergeracionalidade, onde haja o intercâmbio entre crianças e seniores. Neste intercâmbio é importante, porque o idoso sente-se ativo, sente-se um elemento de partilha, enriquecedor da sua própria cultura, e neste caso da criança. Além disso permite o evocar de recordações, o reviver de memórias, e sentir-se útil na sociedade. A estimulação cognitiva também, é importante para a questão das demências, principalmente do *alzheimer*, cada vez mais presente na

nossa 'população sénior, e, atividades que também levem ao encontro do lúdico ao recreativo, onde poderá ser jogos de mesa, elaboração dos próprios jogos, elaboração de temas a trabalhos manuais, tudo o que vá promover o bem estar, a nível social e a nível cognitivo do próprio idoso.

10. Que importância atribui à definição/elaboração de atividades intergeracionais?

R: A importância de atribuir uma definição e uma elaboração das atividades intergeracionais é que nós podemos previamente, quando fazemos uma definição, tentarmos focar onde vamos tentar chegar, e podemos indo elaborando sempre o plano consoante as necessidades e as dificuldades que nos vão aparecendo. Na elaboração também nos permite que a gente arranje um conjunto de estratégias que promova o bem-estar da criança, o bem-estar o idoso, e no fundo que também minimize algumas incapacidades, ou alguns *handicap's* que algum tenha entre si.

11. Quais as vantagens da criação de estratégias para a implementação das atividades com os mais novos?

R: A vantagem de uma criação de estratégias é que naquele momento nós podemos perante uma dificuldade tentar ultrapassar alguma dificuldade que é-nos imposta quando estamos a promover uma atividade, em que por exemplo tem que haver uma dinâmica entre a criança e o idoso no diálogo, na empatia, no contacto, e isto vai permitir que no fundo não haja aquela barreira entre ambos.

12. Que estratégias considera fulcrais para a aceitação do idoso às atividades intergeracionais?

R: O idoso normalmente, o idoso ou a população sénior, normalmente é muito resiliente e muito resistente perante todas as atividades, apesar que nós cada vez vemos que os nossos idosos gostam muito destas atividades intergeracionais, de conviver com as crianças porque lembram-se dos netos, dos filhos, dos bisnetos. Uma das estratégias é sempre colocar o idoso a dinamizar a atividade, ou seja, ele próprio criar uma estratégia, ele próprio sentir-se capaz e ele próprio chegar lá, até ao impacto, até à empatia com a criança, e no momento da atividade.

13. Considera que as atividades intergeracionais têm influência positiva no seio familiar? Em que sentido?

R: Sim, cada vez mais os filhos, as famílias, acabam por não haver grande ligação intergeracional pela questão laboral, em que cada vez mais passamos muito tempo fora de casa, passamos muito número de horas, no nosso contexto laboral e muitas vezes eles acabam por não ter a visita do neto, do bisneto e essas situações, e às vezes eles sentem-se isolados. Esta influência vai ser positiva porque depois eles começam a se familiarizar de verem uma criança e quando, mesmo esporadicamente, o neto ou o bisneto só lhe vai fazer uma visita, ele não está ali só recetivo pela própria visita, vai interagir, vai ele próprio perceber se a criança está bem, se quer brincar.

14. A estrutura familiar tem impacto no modo como o idoso se relaciona com a criança?

R: Sim, muitas vezes sim, penso que quanto mais uma estrutura familiar for sólida, e haja sempre esta boa partilha, esta relação que já se vai estabelecendo dia após dia, ou nos jantares de família, ou nas festas, ou em épocas festivas, eles acabam por se sentir motivados e vão ter uma abertura mais, próxima da criança. Quando às vezes isso não acontece, eles às vezes têm muita necessidade de comunicar, mas não sabem como se dirigir, não sabem como brincar.

Nota: Denote-se que parte da entrevista foi gravada e a restante foi respondida via *e-mail* dado o estado debilitado da Coordenadora do Centro de Dia.

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” *Antoine de Saint-Exupéry*

